

AIR LIQUIDE: UMA PARCERIA DE CONFIANÇA PARA OS HOSPITAIS PORTUGUESES

A Air Liquide é uma empresa líder mundial em gases, tecnologias e serviços para a Indústria e a Saúde, com mais de 120 anos de história e mais de 100 anos como parceira estratégica em Portugal. Com cerca de 66.500 colaboradores a nível mundial, serve mais de 4 milhões de clientes e pacientes. | 03

PEDAGOGIA XXI: INOVAR A EDUCAÇÃO SUPERIOR COM FOCO NAS PESSOAS

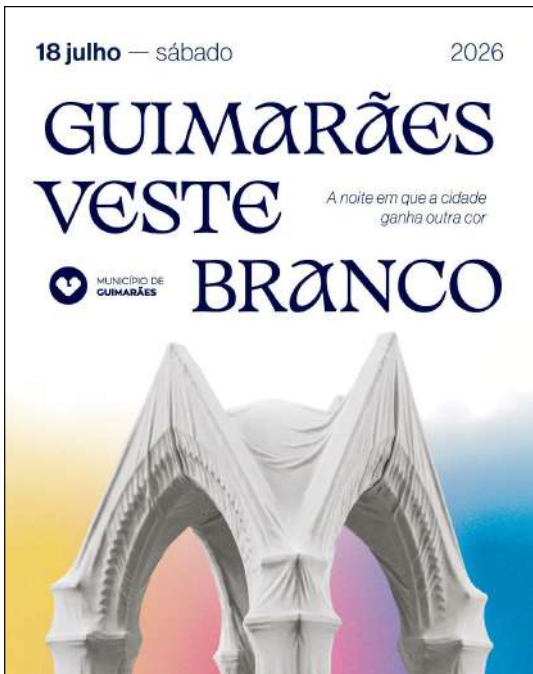
A Universidade Lusíada assume a liderança do projeto **Pedagogia XXI**, uma iniciativa que reúne instituições privadas de ensino superior em torno da inovação pedagógica.

JOANA CRUZ, professora universitária e coordenadora do projeto, explica como esta estratégia procura responder aos novos perfis dos estudantes, reforçar a capacitação docente e construir ambientes de aprendizagem flexíveis, inclusivos, colaborativos e centrados nos/as estudantes. | 23



SAÚDE LUÍS GOES PINHEIRO
HOSPITAIS E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: 525 ANOS A EVOLUIR PARA CUIDAR MELHOR | 02

SAÚDE ÓSCAR GASPAR
HOSPITAIS, O QUE SEMPRE FORAM E O QUE JÁ NÃO SÃO | 18



ENSINO DANIEL DUARTE
AS “OPÇÕES” DOS ESTUDANTES NO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR | 24

ENSINO DIANA SOARES
PARA LÁ DA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA: O QUE TRANSFORMA, VERDADEIRAMENTE, O ENSINO SUPERIOR? | 24

BIOBANCO AZUL PORTUGUÊS

QUER TRANSFORMAR A BIODIVERSIDADE MARINHA EM MOTOR DE CONSERVAÇÃO E INOVAÇÃO

Segundo VÍTOR VASCONCELOS, coordenador do projeto e investigador do CIIMAR, o Biobanco Azul faz parte de uma agenda mobilizadora mais vasta dedicada à biotecnologia marinha. | 25

AGRIVAL 2026: O PALCO ONDE PENAFIEL PROJETA O FUTURO DA REGIÃO

Mais do que uma feira agrícola, a AGRIVAL afirma-se como um dos maiores eventos económicos do Norte de Portugal. O presidente do Conselho de Administração da Penafiel Activa, entidade organizadora da AGRIVAL, JOÃO PAULO OLIVEIRA, destaca o impacto da edição de 2026 na economia, na promoção do território e na valorização do setor agrícola e dos produtos da região. | 28

PAREDES: UMA ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO COM VISÃO DE FUTURO

ALEXANDRE ALMEIDA, presidente da Câmara Municipal de Paredes, traça o retrato de um concelho em transformação, onde o investimento público tem sido o motor do desenvolvimento. | 30

ATENTO: A TELESSAÚDE QUE APROXIMA A ULS SÃO JOSÉ DOS DOENTES CRÓNICOS

NEUZA REIS, Coordenadora de enfermagem do Centro de Telessaúde ATENTO, esclarece como este modelo está a transformar o acompanhamento de utentes com doença crónica complexa. | 15

A TECNOLOGIA SERVE A VISÃO CLÍNICA E ORGANIZACIONAL DO HOSPITAL, MAS NÃO A SUBSTITUI

Para RICARDO AFOITO, Diretor de Mercado da Glintt Life Hospitals, a verdadeira inovação está nas soluções que simplificam processos, protegem informação crítica e devolvem tempo aos profissionais para cuidar melhor dos doentes. | 8

HOSPITAIS E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA:
525 ANOS A EVOLUIR
PARA CUIDAR MELHOR



LUÍS GOES PINHEIRO
Presidente do Conselho de Administração da SPMS – Serviços Partilhados do Ministério da Saúde, EPE

Assinalar os 525 anos do primeiro hospital nacional e o Dia Mundial do Hospital é, mais do que um exercício de memória, um convite à reflexão sobre o presente e o futuro dos cuidados de saúde hospitalares.

Ao longo de mais de cinco séculos, os hospitais evoluíram, adaptaram-se e reinventaram-se. São lugares de ciência, de cuidar e salvar vidas. Hoje, continuam a sê-lo, mas num contexto profundamente transformado pela tecnologia e pela capacidade de aliar inovação, conhecimento e proximidade. A tecnologia veio humanizar a relação entre profissional e doente, reduzindo barreiras geográficas e distância. Hoje, a transformação digital assume-se como um eixo estruturante para um sistema de saúde mais eficiente, personalizado e preventivo.

@
Impulsionada pelo investimento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), a transformação digital tem permitido criar bases para modernizar serviços e implementar, de forma gradual, o modelo tecnológico de que o Serviço Nacional de Saúde (SNS) precisa.
@

Neste percurso, as potencialidades da Inteligência Artificial (IA) e a sua aplicação responsável são incontornáveis. A utilização de IA nos hospitais contribui para personalizar a medicina, tomar decisões informadas por evidência em tempo real, realizar monitorização remota através de dispositivos inteligentes, otimizar recursos, fluxos assistenciais e muitas outras possibilidades. O potencial para expansão futura é vasto, aliado a maior interoperabilidade dos sistemas, melhores dados em saúde e soluções digitais mais acessíveis. São fatores críticos que visam garantir qualidade, equidade e melhorar a prestação, presencial e remota, dos cuidados de saúde. E alcançar este equilíbrio é um dos grandes desafios. Porque transformar não é apenas digitalizar. É sobretudo integrar. Integrar serviços, informação e diferentes perspetivas. É envolver profissionais, gestores e utentes, garantindo que cada inovação tem impacto real no percurso assistencial e na vida das pessoas. Para a SPMS é fundamental que a inovação seja aplicada de forma que as pessoas se reconheçam como parte do processo de evolução tecnológica. E este processo é crucial para os hospitais do futuro responderem aos desafios, sem nunca descurar a sua principal missão. A forma de prestar cuidados mudou, mas o compromisso que move os hospitais, há mais de cinco séculos, mantém a sua essência: cuidar com qualidade, proximidade e humanismo.



O GRANDE HOSPITAL



FRANCISCO GEORGE
Presidente da Sociedade Portuguesa de Saúde Pública

O hospital Real de Todos os Santos foi criado pelo rei João II, em Lisboa, no ano de 1492. Era o tempo dos Descobrimentos. Nesse ano, Colombo viajou nas Antilhas e pouco depois, Vasco da Gama caminharia para a Índia por via marítima.

A história do primeiro Hospital público reflete os principais acontecimentos políticos, sociais, económicos e culturais, que marcaram as sucessivas épocas, desde a Alta Renascença de Leonardo da Vinci ao Iluminismo de Ribeiro Sanches, no tempo de Pombal, aos Hospitais Cívicos de Lisboa da República, até à atual Unidade Local de Saúde de São José do novo Millennium. No início, o Hospital Real foi a primeira grande instituição assistencial fundada pelo Estado: com 150 camas, estava separado em áreas distintas destinadas a atendimento de pobres, alienados e a nobres. Em termos históricos, por altura da sua inauguração, os enfermos admitidos no Hospital Real encontravam, certamente, algum tipo de alívio para os respetivos problemas de doença, de que padeciam, apesar dos conhecimentos médicos desse tempo serem muito rudimentares. Se é indiscutível a vocação eminentemente assistencial, ao encontro dos princípios humanistas, então defendidos, já os resultados clínicos seriam discutíveis.

Ao longo do século XVI, as constantes crises de fome e os frequentes surtos ocorridos representaram períodos de inusitada pressão para o Hospital. Especialmente grave foi, em 1569, a epidemia de peste “grande”, que provocou cerca de 60 mil mortos, na cidade de Lisboa. Apenas depois das Luzes do século XVIII aconteceram as grandes descobertas das ciências médicas e farmacêuticas, que explicariam os ganhos traduzidos pelo progressivo aumento da esperança de vida. Mais tarde, no século XIX, ocorreram constantes epidemias de varíola, febre amarela, difteria, tifo, cólera, para além de tuberculose, que representavam importantes causas de morbilidade e mortalidade.

@
O Hospital Real foi a primeira grande instituição assistencial fundada pelo Estado: com 150 camas, estava separado em áreas distintas destinadas a atendimento de pobres, alienados e a nobres.
@

A administração do Hospital Real de São José e seus Anexos, que durante quase três séculos foi disputada com a Misericórdia de Lisboa, geriu um vasto património erguido em antigos conventos, constantemente adaptados, remodelados ou remendados, à exceção das edificações ex novo dos hospitais de Dona Estefânia (1877) e do Rego (1906). Ainda antes da era dos antibióticos, em 1897, no anexo do Desterro, seria criado um serviço dedicado às doenças venéreas, nomeadamente a sífilis, que constituía, na altura, um preocupante problema de Saúde Pública. O século XX marcaria a grandeza do Hospital.



AIR LIQUIDE: UMA PARCERIA DE CONFIANÇA PARA OS HOSPITAIS PORTUGUESES



A **Air Liquide** é uma empresa líder mundial em gases, tecnologias e serviços para a Indústria e a Saúde, com mais de 120 anos de história e mais de 100 anos como parceira estratégica em Portugal. Com cerca de 66.500 colaboradores a nível mundial, serve mais de 4 milhões de clientes e pacientes.

JACINTO ANTUNES

Diretor da Atividade Medicinal em Portugal,

dá-nos uma perspetiva sobre os desafios deste mercado e a forma como a Air Liquide se adapta para continuar a ser uma referência e uma parceira de viagem de cada hospital.

Através dos gases (oxigénio, azoto, árgon, dióxido de carbono, hidrogénio, entre outros), equipamentos e serviços, está presente numa ampla variedade de setores que vão desde o petróleo e gás, a indústria automóvel e a fabricação de metais, até às indústrias química, farmacêutica, agrícola, alimentar e de bebidas, bem como ao setor da saúde.

A Air Liquide em Portugal é também fornecedora de gases medicinais, equipamentos e serviços para centros hospitalares e outros prestadores de cuidados de saúde através da sua marca Air Liquide Medicinal. No âmbito dos cuidados de saúde domiciliários, a VitalAire e a Gasoxmed, empresas do Grupo, colaboram diariamente em Portugal com os profissionais de saúde para prestar assistência nos seus lares a milhares de pacientes que sofrem de doenças respiratórias crónicas, com o objetivo de melhorar a sua qualidade de vida. Como líderes de mercado, o objetivo da Air Liquide é criar valor oferecendo soluções de vanguarda, comprometendo-se a garantir aos seus clientes o melhor e o máximo rendimento dos produtos e serviços utilizados, e que os seus pacientes recebam cuidados da máxima qualidade.

A Air Liquide, contudo, enfrenta diariamente mercados cada vez mais incertos e situações geopolíticas complexas que impactam diretamente as cadeias de abastecimento e a resposta às necessidades cada vez mais exigentes dos seus clientes industriais e do setor da saúde.

Quais são os principais desafios do mercado da saúde em Portugal?

Os desafios atuais do setor da saúde português não são isolados; fazem parte de uma conjuntura global de incerteza. Nos últimos tempos, enfrentamos eventos climáticos extremos, pandemias, perturbações profundas nas redes de abastecimento elétrico e crises geopolíticas que colocam em risco a continuidade do fornecimento de medicamentos e de outros serviços vitais para os hospitais e pacientes.

E perante essa incerteza que refere, como evoluiu a capacidade de resposta da Air Liquide em Portugal para garantir a continuidade do fornecimento de gases medicinais perante situações tão críticas?

Nos últimos anos, a Air Liquide pode orgulhar-se de ter demonstrado a capacidade de garantir o fornecimento de gases medicinais em situações muito complexas; é o caso da pandemia, onde em tempo recorde, trabalhando contra o relógio, desenvolvemos as infraestruturas necessárias para poder dar suporte ventilatório a múltiplos pacientes que dele necessitavam de forma crítica. Também nas fortes tempestades na Zona Centro no inverno passado, quando, apesar dos cortes de eletricidade e comunicações, conseguimos chegar ao lar mais remoto para atender pacientes que dependem do oxigénio para respirar. Estes são apenas dois exemplos, mas a Air Liquide está em contínua inovação para assegurar que as necessidades dos nossos clientes e pacientes estejam sempre cobertas.

Debate-se frequentemente a resiliência das infraestruturas sanitárias. Como estão a trabalhar atualmente com os hospitais portugueses para integrar o oxigénio medicinal dentro dos seus planos de contingência face a imprevistos?

Trabalhamos lado a lado com os nossos clientes no desenvolvimento de Planos de Contingência para o fornecimento de oxigénio. Estar preparado perante uma emergência requer a disponibilização de um plano de ação para fazer face a imprevistos, tais como a afluência massiva de pacientes ou interrupções na cadeia de abastecimento. O oxigénio medicinal, um recurso terapêutico crítico, deve fazer parte destes planos.

@

a Air Liquide pode orgulhar-se de ter demonstrado a capacidade de garantir o fornecimento de gases medicinais em situações muito complexas; é o caso da pandemia, onde em tempo recorde, trabalhando contra o relógio, desenvolvemos as infraestruturas necessárias para poder dar suporte ventilatório a múltiplos pacientes que dele necessitavam de forma crítica.

@

Para além da entrega do produto, a abordagem da Air Liquide parece focar-se na eficiência operacional, embora a gestão de gases pode ser uma tarefa complexa. Como é que a digitalização e o uso do IoT ajudam as unidades hospitalares a otimizar os seus recursos e a reduzir a carga administrativa para o pessoal médico?

A nossa abordagem foca-se na gestão integral e eficiente de gases medicinais, com um objetivo primordial: libertar os profissionais de saúde para que possam dedicar o seu tempo ao que mais importa, o cuidado ao paciente. Para o conseguir, disponibilizamos aos hospitais uma carteira de serviços e soluções inovadoras, fruto do nosso conhecimento centenário e de um investimento constante na inovação na gestão de gases. Uma destas soluções é o Ecossistema “Smart Hospital”, baseado na Internet das Coisas (IoT) e na análise de dados, que disponibiliza informação valiosa e em tempo real sobre as garrafas portáteis de oxigénio medicinal e os sistemas de distribuição de gases medicinais.

O resultado direto é uma maior eficiência na gestão, uma otimização dos recursos e uma poupança significativa. Ao simplificar a complexidade operacional, contribui-se para a melhoria da experiência dos profissionais e, consequentemente, para a qualidade dos cuidados prestados aos pacientes.

A descarbonização é um dos desafios sociais mais importantes desta década. Como se materializa a proposta da Air Liquide no apoio às estratégias de sustentabilidade dos hospitais em Portugal e que progressos estamos a ver na redução da pegada de carbono, especialmente no uso de gases como o protóxido de azoto nos blocos operatórios?

Um dos maiores desafios sociais e de saúde dos nossos tempos é alcançar a meta da neutralidade carbónica até 2050 e apoiar os nossos clientes nas suas estratégias de sustentabilidade. A Air Liquide não só atua na racionalização de recursos, com ferramentas e soluções que podem ajudar a reduzir a pegada de carbono e a otimizar o uso de gases, como também aborda a pegada de carbono e o desperdício de protóxido de azoto gerado nos blocos operatórios.

Paralelamente, fornecemos gases de baixo carbono produzidos através de energia renovável. Esta abordagem permite-nos ser um parceiro estratégico no âmbito dos gases medicinais, garantindo a continuidade assistencial e a segurança do doente.

Com a perspetiva de proporcionar tranquilidade aos profissionais, inovação, eficiência e sustentabilidade, continuaremos a colaborar com os nossos clientes e pacientes para acrescentar valor ao setor da saúde e à sociedade em geral.

@

Um dos maiores desafios sociais e de saúde dos nossos tempos é alcançar a meta da neutralidade carbónica até 2050 e apoiar os nossos clientes nas suas estratégias de sustentabilidade.

@



D'O

**Bagos
D'Ouro**



**A mudar
a história
das crianças
do Douro**

ATTENDSYS APROXIMA A TECNOLOGIA DA SAÚDE



Miguel Filipe e Pedro Cabral Santos

Mais de duas décadas depois do início da atividade, a ATTENDSYS faz um balanço “claramente positivo” do seu percurso.

MIGUEL FILIPE

partner da empresa, sublinha que a organização acompanhou de forma consistente a evolução tecnológica das instituições, sobretudo na saúde, onde hoje tem uma presença consolidada. O caminho começou com sistemas de atendimento mais simples, assentes em quiosques de senhas, e evoluiu para soluções integradas com plataformas clínicas e administrativas, capazes de automatizar processos como confirmação de consultas, validação de exames e encaminhamento de utentes.

Para este responsável, esta trajetória deu à ATTENDSYS experiência na área da saúde, o que fez desenvolver “um conhecimento profundo dos desafios do setor”, afirmando-se como “um parceiro tecnológico de referência”. Mais do que o número de instalações, Miguel Filipe valoriza a construção de relações de confiança duradouras, visíveis na forte presença no SNS e na expansão no setor privado. Num setor em que a eficiência, segurança e organização têm impacto direto na experiência de quem procura cuidados de saúde, a tecnologia deixou de ser apenas um sinal de modernização. Passou a ser uma resposta a desafios operacionais, administrativos e humanos. Ainda assim, a digitalização das entidades de saúde exige rigor, integração e adaptação, porque hospitais, clínicas e outras unidades trabalham com múltiplos sistemas, muitas vezes distintos, mas interdependentes.

Miguel Filipe identifica essa complexidade como um dos principais obstáculos à adoção tecnológica. Nas unidades de saúde coexistem plataformas clínicas, sistemas administrativos, ferramentas de faturação e outros mecanismos internos que sustentam o funcionamento diário. Por isso, defende que qualquer nova solução tem de se integrar nessa estrutura sem acrescentar burocracia. A implementação de tecnologia na saúde envolve, afirma, “desafios específicos”, desde logo pela “necessidade de integração com múltiplos sistemas existentes”.

A integração, porém, não é o único ponto sensível.

PEDRO CABRAL SANTOS,

partner da ATTENDSYS, lembra que a informação tratada neste setor é pessoal, sensível e, muitas vezes, clínica, pelo que qualquer processo de transformação digital tem de cumprir requisitos exigentes de segurança e privacidade. A tecnologia deve acelerar procedimentos e automatizar tarefas sem comprometer a confiança. Daí a importância do “cumprimento rigoroso de requisitos de segurança e privacidade dos dados”.

Outro desafio está na forma como as soluções são usadas no terreno. Para Pedro Cabral Santos, a tecnologia só cumpre o seu papel quando é compreendida e adotada por quem a utiliza. Num hospital, isso implica pensar nos profissionais de saúde, nas equipas administrativas e nos utentes. Uma ferramenta demasiado complexa tornar-se uma barreira, sobretudo num ambiente marcado por pressão e vulnerabilidade. Por isso, considera essencial que as soluções sejam “intuitivas e acessíveis, tanto para profissionais como para utentes”, evitando “barreiras à adoção”.

@

Esta trajetória deu à ATTENDSYS experiência na área da saúde, o que fez desenvolver “um conhecimento profundo dos desafios do setor”, afirmando-se como “um parceiro tecnológico de referência”.

@

É perante esta realidade que a ATTENDSYS aposta em soluções modulares e altamente integráveis, desenhadas para se ajustarem ao contexto de cada instituição. O objetivo é permitir que a transformação digital avance sem comprometer a infraestrutura existente. Na prática, as soluções da empresa acompanham várias etapas do percurso do utente, desde a chegada à unidade de saúde até à conclusão do atendimento.

Um dos exemplos mais visíveis está no registo. Em vez de depender apenas de processos presenciais tradicionais, o utente pode registar-se através de um quiosque ou de um canal digital. A partir daí, o sistema pode encaminhá-lo automaticamente para o serviço adequado, reduzindo dúvidas, deslocções desnecessárias e pressão sobre as equipas. Pedro Cabral Santos explica que “uma gestão inteligente dos fluxos de atendimento permite que a informação circule com maior eficiência e que cada utente seja direcionado para o local certo”. A mesma lógica aplica-se às notificações em tempo real, que mantêm o utente informado sobre o seu percurso dentro da unidade hospitalar. Esse acompanhamento torna a experiência mais previsível e organizada, sobretudo quando os tempos de espera e a orientação interna geram ansiedade. Do lado dos profissionais, a automatização de etapas repetitivas permite libertar tempo para tarefas de maior valor. Pedro Cabral Santos frisa, contudo, que a tecnologia “não elimina a intervenção humana”; pelo contrário, ajuda a canalizá-la para funções onde a presença, a decisão e a atenção dos profissionais são indispensáveis.

Desta forma, o contributo da ATTENDSYS situa-se, assim, na intersecção entre tecnologia, operação e experiência humana. Ao integrar sistemas, respeitar requisitos de segurança e privacidade, garantir acessibilidade e automatizar processos, a empresa procura tornar o atendimento mais simples, eficiente e menos pesado para utentes e profissionais.

@

“A ATTENDSYS pretende consolidar a sua posição como referência nas soluções de atendimento e comunicação, reforçar a presença nos mercados onde já atua e explorar novas oportunidades de crescimento, incluindo a expansão internacional.

@

Para os próximos anos, Miguel Filipe traça metas claras. “A ATTENDSYS pretende consolidar a sua posição como referência nas soluções de atendimento e comunicação, reforçar a presença nos mercados onde já atua e explorar novas oportunidades de crescimento, incluindo a expansão internacional. A inovação continuará a ser uma prioridade, nomeadamente através da aplicação de inteligência artificial para transformar dados em ferramentas de apoio à decisão e de otimização operacional. O objetivo é evoluir continuamente as soluções, tornando-as cada vez mais simples, eficientes e centradas no utilizador.

Acima de tudo, a empresa quer continuar a ser um parceiro de confiança das organizações e contribuir para melhorar, de forma concreta, a experiência de todos os que interagem com os serviços de saúde”. Conclui.



DAR VISIBILIDADE À OPERAÇÃO HOTELEIRA NA SAÚDE: O PAPEL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HOTELARIA HOSPITALAR



PEDRO SILVA PACHECO

Presidente da Direção da APHH
– Associação Portuguesa de
Hotelaria Hospitalar

A Associação Portuguesa de Hotelaria Hospitalar é uma Associação sem fins lucrativos, que junta os profissionais com responsabilidades no âmbito da Hotelaria na Saúde, tanto em unidades hospitalares públicas como privadas.

Entre as áreas de intervenção da hotelaria na saúde podemos englobar a gestão dos processos de alimentação, higiene e limpeza, vigilância, roupa, resíduos, transportes, jardins, entre outras, de geometria variável em cada unidade de saúde, e que incluem cada vez mais as questões da humanização. No diagnóstico certo do Professor José Nogueira da Rocha, “quando o paciente esquece a dor, começa a olhar à sua volta”. A importância crescente que as atividades relacionadas com a Hotelaria assumem, juntamente com a necessidade de melhorar a qualidade percebida pelos utentes/clientes, fez com que várias pessoas de diversos hospitais se tenham reunido e, com o importante apoio da Associação Congénere Espanhola, tenham fundado a Associação Portuguesa de Hotelaria Hospitalar (APHH), em junho de 2010. A partir da sua fundação, a Associação tem crescido em número de sócios, quer individuais quer empresas e tem mantido o seu foco em juntar os profissionais das várias áreas que aglutina, fornecendo formação, disseminando boas práticas, potenciando o conhecimento sobre as inovações que o mercado e as empresas líderes aportam, bem como consciencializar sobre a importância que hotelaria e os serviços de apoio têm na atividade assistencial. No fundo, dar maior visibilidade à importância que a hotelaria na saúde tem para a recuperação, conforto e experiência dos utentes.

Estamos orgulhosos do caminho que temos vindo a palmilhar, e gratos aos sócios e gestores hoteleiros das unidades de saúde que têm colaborado a associação, e também muito gratos às empresas parceiras, que são as mais representativas do sector, pelo apoio e pelo valor que aportam às questões da hotelaria.

@

A APHH desenvolve também anualmente as suas Jornadas que servem de intercâmbio de experiências e boas práticas, bem como apresentação de soluções e técnicas inovadoras por parte das empresas presentes. As próximas Jornadas vão ter lugar nos dias 12 e 13 de novembro, na Figueira da Foz.

@

Anualmente, a Associação tem vindo a organizar um Encontro de trabalho, para debate e apresentação de temas técnicos e na ordem do dia. A APHH desenvolve também anualmente as suas Jornadas que servem de intercâmbio de experiências e boas práticas, bem como apresentação de soluções e técnicas inovadoras por parte das empresas presentes. As próximas Jornadas vão ter lugar nos dias 12 e 13 de novembro, na Figueira da Foz. A participação nas Jornadas tem vindo em crescendo, facto que demonstra o interesse e a consciência sobre o facto de os serviços de natureza hoteleira serem essenciais para a experiência dos utentes/clientes e familiares em qualquer contacto que façam com as Unidades de Saúde. Efetivamente, o nível de serviço disponibilizado pode marcar a diferença entre uma experiência satisfatória e uma experiência insatisfatória por parte dos utentes/clientes e seus familiares. É um facto público que as operações hoteleiras na Saúde são muito escrutinadas. É a parte do processo que o utente/cliente melhor compreende. Sabemos que quando as Unidades de Saúde adotarem a metodologia Net Promoter Score, que avalia a experiência do utente e sua lealdade com a marca e instituição, a pergunta que irá ser feita é esta: “Quanto recomendaria, numa escala de 0 a 10, esta Unidade/Hospital a um amigo?” A resposta vai depender, em grande medida, do compromisso e investimento na operação hoteleira.

Associação Portuguesa de
Hotelaria Hospitalar

A ENGENHARIA NA ÁREA DA SAÚDE EM PORTUGAL – UMA VERTENTE ESTRATÉGICA PARA O FUTURO DO PAÍS



JOÃO PEDRO BARRANCA

Presidente da ATEHP – Associação
de Técnicos de Engenharia Hospitalar
Portugueses

A evolução dos cuidados de saúde em Portugal demonstra que o progresso médico esteve sempre associado ao desenvolvimento tecnológico e, consequentemente, à engenharia.

Desde a criação dos primeiros hospitais administrados pelas Misericórdias, a partir do século XVI, até aos mais modernos hospitais, quer os integrados no Serviço Nacional de Saúde (SNS) quer os privados, os engenheiros e a engenharia desempenharam um papel estratégico de suporte à qualidade dos cuidados prestados à população. Os hospitais portugueses surgiram inicialmente como instituições de assistência aos mais desfavorecidos, muitas delas geridas pelas Santas Casas da Misericórdia, cuja expansão se verificou após a fundação da Misericórdia de Lisboa, em 1498. À medida que o conhecimento científico evoluiu, tornou-se evidente a necessidade de edifícios mais adequados, melhores condições sanitárias e equipamentos especializados, aspetos diretamente relacionados com o trabalho da engenharia. Com a criação do Serviço Nacional de Saúde, em 1979, a engenharia e os engenheiros adquiriram uma relevância ainda maior. O acesso universal aos cuidados de saúde exigiu hospitais mais eficientes, redes de comunicação modernas e equipamentos médicos cada vez mais sofisticados. Edifícios cada vez mais inteligentes e eficientes, equipamentos de imagiologia mais complexos, sistemas de monitorização integrados, dispositivos médicos e plataformas digitais de gestão hospitalar personalizadas e dedicadas são exemplos concretos da contribuição da engenharia para a medicina contemporânea.

@

Durante o século XX, particularmente após a Lei n.º 2011 de 1946, que lançou as bases para uma rede hospitalar nacional, Portugal iniciou um processo de construção e modernização de hospitais que exigiu uma forte participação de engenheiros civis, eletrotécnicos e mecânicos.

@

Neste contexto, merece especial destaque a Associação de Técnicos de Engenharia Hospitalar Portugueses (ATEHP), fundada em 1984, que tem desempenhado um papel incontornável na valorização da engenharia da saúde e hospitalar em Portugal. A ATEHP tem contribuído para afirmar a importância dos engenheiros nas unidades de saúde em Portugal e para reforçar a sua participação nos processos de modernização tecnológica e organizacional. Na minha perspetiva, o desenvolvimento da saúde em Portugal não pode ser compreendido sem reconhecer o papel decisivo da engenharia e do engenheiro. A melhoria da esperança média de vida, a capacidade de diagnóstico precoce e a eficiência dos serviços hospitalares resultam não apenas dos avanços da medicina, mas também da inovação tecnológica promovida por engenheiros. Assim, investir na articulação entre engenharia e saúde constitui uma condição essencial para enfrentar os desafios futuros do SNS e garantir cuidados de saúde de qualidade para todos os cidadãos.

ATEHP
ASSOCIAÇÃO
DE TÉCNICOS
DE ENGENHARIA
HOSPITALAR
PORTUGUESES

TRIVALOR

itau

Sogenave

**STRONG
CHARON**
SOLUÇÕES DE SEGURANÇA
ALVARÁ Nº41 A), B) E C)

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL SERÁ O COPILOTO DO MÉDICO, NÃO O SEU SUBSTITUTO



A Oramix nasceu há 25 anos num contexto tecnológico muito diferente do atual, focada na gestão de bases de dados e na necessidade de assegurar infraestruturas robustas de suporte a aplicações empresariais.

PAULO PIRES

Administrador da Oramix,

recorda que, nessa altura, a tecnologia era vista essencialmente como um custo. Hoje, o paradigma mudou: os dados e a inteligência artificial passaram a ser encarados como ferramentas capazes de gerar valor.

“O que está a acontecer atualmente com estas novas aplicações é a transformação deste custo em valor para as empresas”, resume. Para Paulo Pires, “as organizações que conseguirem aproveitar esta vaga tecnológica, especialmente no domínio da inteligência artificial, terão capacidade para alterar profundamente os seus modelos de funcionamento, gerando eficiência e transformando as suas empresas”. Atualmente, a estratégia da Oramix assenta em três grandes áreas: gestão de dados, cibersegurança e transformação digital. A empresa não pretende ser apenas um fornecedor tecnológico, mas sim um parceiro a longo prazo, “com uma componente tecnológica especializada. Acho que esse é o nosso maior diferenciador”, afirma o Administrador. Para Paulo Pires, aquilo que hoje se vive já ultrapassou a tradicional transformação digital: “Aquilo que agora estamos a viver deixou de ser transformação digital, passou a ser uma transformação completa da organização”, defende, considerando que a tecnologia deixou de estar ligada apenas a processos internos para passar a influenciar diretamente a estratégia e a operação das organizações.

@
Paulo Pires acredita que a saúde representa uma área onde a tecnologia pode criar um impacto real na vida das pessoas. O futuro, na sua visão, passará por uma medicina cada vez mais personalizada e preditiva, alimentada por dados e inteligência artificial.
@

Um dos setores onde esta transformação assume maior relevância é a saúde, onde a Oramix tem presença significativa. Para Paulo Pires, este é um dos ambientes mais críticos devido à relevância da informação e ao impacto que qualquer falha pode ter, já que “hospitais e instituições de saúde lidam diariamente com dados sensíveis e operações onde a disponibilidade dos sistemas é essencial, e acima de tudo, com a vida humana”. Neste contexto, a cibersegurança surge como uma das maiores preocupações. “Eu diria que ninguém está preparado. Temos entidades mais maduras na capacidade de resposta, mas é impossível para uma entidade isolada criar uma infraestrutura de barreira à entrada de todas as intrusões possíveis”, afirma, considerando que a resposta passa cada vez mais pela cooperação entre instituições. A diretiva europeia NIS2 veio acelerar essa necessidade de maturidade. Nesta frente, a Oramix tem dedicado atenção crescente à proteção de dispositivos médicos conectados (IoMT), área que ganha relevância “à medida que mais equipamento hospitalar fica ligado em rede e exposto a vulnerabilidades” que ultrapassam a tradicional segurança de sistemas de informação.

@
O ySmart está direcionado para a prevenção de infeções associadas aos cuidados de saúde (IACS), recorrendo a inteligência artificial e análise de imagem para monitorizar o cumprimento dos protocolos de higienização das mãos em ambiente hospitalar.
@



Na saúde, o risco dos incidentes de segurança assume uma dimensão mais delicada, porque pode afetar diretamente pessoas, sobretudo num futuro em que a inteligência artificial estará cada vez mais integrada nos cuidados médicos. “Imagine um médico a fazer uma cirurgia apoiada por inteligência artificial e existir uma qualquer intrusão. O risco é enorme”, exemplifica Paulo Pires. É precisamente aqui que o Administrador da Oramix acredita que a inteligência artificial terá um papel fundamental: como apoio à decisão clínica. “A inteligência artificial, principalmente na área da saúde, não tem a pretensão de substituir os médicos. Mais do que ser um piloto, eu diria que a IA pretende ser um copiloto. É aqui que podemos acrescentar valor, colocando cenários e apoiando a decisão médica”, afirma. No grupo Oramix, esta aposta na inovação é reforçada através da Whymob, empresa do grupo dedicada ao desenvolvimento de soluções digitais. Paulo Pires recorda que a Whymob nasceu como “o braço de inovação e digitalização das organizações” e tem desenvolvido, com integração de inteligência artificial, projetos como o AskWhy e o ySmart.

O AskWhy é uma plataforma criada para anonimizar e proteger dados, para que possam ser utilizados em investigação sem comprometer a privacidade dos cidadãos. “Se as organizações não tiverem dados, e não tiverem dados com qualidade, muito dificilmente vão construir o que quer que seja com inteligência artificial”, destaca Paulo Pires. No setor da saúde, a plataforma pretende facilitar a utilização segura de dados por investigadores, universidades e empresas. “O objetivo é partilhar dados de uma forma segura com a comunidade e outras entidades que os pretendam utilizar”, afirma.

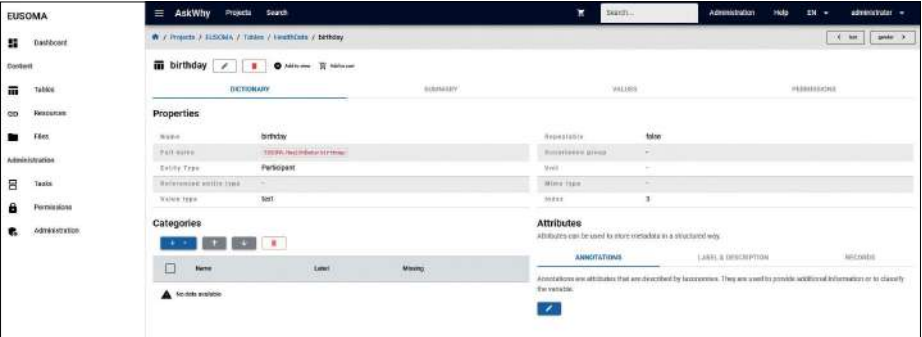


Câmara do ySmart.

Já o ySmart está direcionado para a prevenção de infeções associadas aos cuidados de saúde (IACS), recorrendo a inteligência artificial e análise de imagem para monitorizar o cumprimento dos protocolos de higienização das mãos em ambiente hospitalar. A tecnologia não identifica pessoas nem guarda imagens: “Há um processamento local na câmara, que não guarda imagens de ninguém. Recolhe dados que permitem reconstruir o modelo de funcionamento ou aquilo que aconteceu no espaço”, esclarece Paulo Pires. A opção, sublinha, não foi criar uma lógica de fiscalização: “Nós optámos por não ser intrusivos. O nosso papel é de evangelização da higienização.”

Paulo Pires reconhece que o ciclo de adoção tecnológica na saúde é naturalmente mais longo do que noutros setores, por se tratar de uma área fortemente regulada, onde qualquer alteração exige validação clínica cuidada antes de chegar ao terreno. Para o Administrador da Oramix, a área da saúde tem muito a beneficiar com a adoção de soluções digitais, mas esta adoção exige mudanças em três dimensões: financiamento, modelos adequados de contratação e confiança no valor da inovação. “Os modelos de contratação pública não se adaptam à aquisição de inovação”, considera, defendendo que é necessário criar mecanismos que permitam uma maior aproximação entre entidades públicas, privadas e centros de investigação.

Apesar dos desafios, Paulo Pires acredita que a saúde representa uma área onde a tecnologia pode criar um impacto real na vida das pessoas. O futuro, na sua visão, passará por uma medicina cada vez mais personalizada e preditiva, alimentada por dados e inteligência artificial. “A tecnologia está a evoluir a uma velocidade nunca antes vista. A minha convicção é que o próximo passo será a aplicação de inteligência artificial ao diagnóstico precoce”, conclui. Para a Oramix, esse caminho far-se-á como até aqui: ao lado das instituições de saúde, sem substituir quem decide, reforçando antes a sua capacidade de decidir melhor.



Dashboard AskWhy.



A TECNOLOGIA SERVE A VISÃO CLÍNICA E ORGANIZACIONAL DO HOSPITAL, MAS NÃO A SUBSTITUI



RICARDO AFOITO

Diretor da Glintt Life Hospitals

Num momento em que os hospitais enfrentam uma pressão crescente sobre recursos, equipas e sistemas, a tecnologia tornou-se essencial para os serviços de saúde. Para **Ricardo Afoito, Diretor de Mercado da Glintt Life Hospitals**, a verdadeira inovação está nas soluções que simplificam processos, protegem informação crítica e devolvem tempo aos profissionais para cuidar melhor dos doentes.

Quais são os principais desafios que os hospitais enfrentam atualmente?

O Hospital Real de Todos os Santos desapareceu com o terramoto. Foi um edifício que se perdeu, e com ele uma parte da capacidade de cuidar. Hoje o que está em risco já não são só paredes e tetos, é informação. Se um sistema falha no momento errado, o que desaparece é o acesso ao histórico de um doente, exatamente quando alguém precisa de decidir algo sobre ele. Em simultâneo, graças à evolução da ciência, do diagnóstico e dos tratamentos, os hospitais têm hoje mais pessoas a precisar de cuidados e casos mais complicados de tratar. Como os sistemas e os recursos humanos não crescem ao mesmo ritmo, isto gera uma pressão cada vez mais difícil de gerir.

Como podem as instituições responder a este crescimento mantendo qualidade e segurança?

É preciso organizar melhor o que já existe. Quando a informação circula sem que um médico ou um enfermeiro tenha de andar à procura dela em três sítios diferentes, o tempo que se ganha volta para o doente.

Que papel desempenha a tecnologia na resposta a esta nova realidade?

A melhor tecnologia é aquela que ninguém nota que está ali. A tecnologia não interessa por si mesma, interessa é o que ela devolve: tempo para tratar das pessoas e informação para decidir melhor. No terreno, ainda vejo muitas vezes uma abordagem fragmentada, em que se olha sobretudo para o custo e para a sofisticação da tecnologia e menos para a mudança que gera.

Quais são os riscos desta abordagem fragmentada?

O problema maior nem é técnico, é humano. É o doente que tem de contar a mesma história três vezes no mesmo hospital, porque cada serviço usa um sistema diferente. Se vímos bem só mimetizámos o que já se fazia com o processo em papel. É o profissional que perde minutos preciosos a saltar de uma aplicação para outra só para juntar a informação toda de um caso. Cada sistema pode até funcionar bem isoladamente, mas quando nenhum fala com o outro, esse custo aparece em tempo perdido, em erros que se podiam ter evitado, e no desgaste de quem trabalha ali todos os dias.

Como se garante que a informação certa está disponível, em tempo real, para apoiar decisões clínicas críticas?

A informação é do cidadão, não do hospital ou do sistema onde está guardada. Isto conta cada vez mais porque hoje acompanhamos uma pessoa antes de adoecer, durante e após o tratamento, não só num momento isolado de cuidado. Para que essa informação esteja disponível quando é preciso, não basta trocar dados entre sistemas.

Sem uma visão de conjunto sobre o que cada parte do processo precisa de saber, criam-se ilhas de pessoas, processos e tecnologia que não comunicam entre si.

O que falta normalmente não é tecnologia, é as equipas estarem alinhadas sobre como trabalhar em conjunto. A tecnologia ajuda, mas só depois de esse alinhamento existir.

Como é que os hospitais podem dar esse salto?

Durante muito tempo, dizer que um hospital era eficiente queria dizer quase só uma coisa: bons resultados clínicos. Hoje isso não basta. Um hospital pode ter profissionais excelentes e mesmo assim falhar com o doente se o resto não funcionar, se a marcação demorar demasiado, se o processo administrativo for um labirinto. Hoje a eficiência tem de olhar para tudo isto em conjunto, para a parte clínica, mas também para a forma como o hospital se organiza por dentro e como a informação circula.

Para otimizar esta eficiência hospitalar que refere, qual deveria ser o foco?

A eficiência hospitalar depende de quatro dimensões que têm de funcionar em conjunto: a clínica, que está no centro dos cuidados; a operacional, que organiza pessoas e processos; a logística, que garante recursos e equipamentos no momento certo; e a digital, que liga tudo isto. Quando uma falha, o doente sente.

A verdade é que a mesma tecnologia que organiza, sistematiza e disponibiliza informação clínica está sujeita a vulnerabilidades. Como é que as instituições de saúde podem proteger os seus dados?

Nos últimos 30 anos fomos adicionando tecnologia a processos críticos, e isso criou dois riscos: por um lado, fomos aumentando o stock de informação discreta sobre os cidadãos; por outro, fomos tornando cada vez mais fácil o acesso específico a essa informação. Se compararmos com o antigo processo clínico em papel, o número de dados disponíveis aumentou radicalmente, assim como a rapidez com que se acede a informação específica. Estes dois riscos exigem medidas de proteção e de resposta a ameaças, que permitam evitar ou limitar as consequências de um acesso indevido, de um roubo ou de adulteração de dados com dolo, ou seja, aceder e alterar informação específica de forma deliberada.

O que define um hospital verdadeiramente eficiente no século XXI?

Um hospital verdadeiramente eficiente não se mede pela quantidade de tecnologia que tem, mas pelos resultados que consegue entregar. Quando pessoas, processos e tecnologia trabalham em conjunto, o doente é atendido com mais rapidez, mais segurança e sem ter de repetir a sua história em cada etapa. No fundo, eficiência é uma forma de cuidar melhor.

@

A eficiência hospitalar depende de quatro dimensões que têm de funcionar em conjunto:
a clínica, que está no centro dos cuidados;
a operacional, que organiza pessoas e processos;
a logística, que garante recursos e equipamentos no momento certo;
e a digital, que liga tudo isto.
Quando uma falha, o doente sente.

@

@

A melhor tecnologia é aquela que ninguém nota que está ali. A tecnologia não interessa por si mesma, interessa é o que ela devolve: tempo para tratar das pessoas e informação para decidir melhor.

@

Como antecipa o futuro das instituições de saúde?

O futuro das instituições de saúde vai exigir adaptação constante. A tecnologia que hoje parece avançada rapidamente se tornará normal, e os processos terão de ser revistos continuamente. Por isso, o mais importante é cada organização ter uma visão clara sobre como quer cuidar das pessoas. A tecnologia deve entrar depois, como ferramenta ao serviço dessa visão, nunca como substituto dela.

Glintt Life care for tomorrow

ULS DE CASTELO BRANCO DIGITALIZA CIRCUITO DO MEDICAMENTO PARA REFORÇAR SEGURANÇA E EFICIÊNCIA

A Unidade Local de Saúde (ULS) de Castelo Branco concluiu a implementação do **módulo do circuito do medicamento da Mozy**. Esta plataforma digital acompanha todo o percurso da medicação, desde a prescrição médica até à sua administração ao doente, permitindo uma gestão mais integrada, segura e eficiente de um processo crítico da atividade hospitalar.

A iniciativa insere-se na estratégia de transformação digital da instituição e representa mais um passo na modernização dos cuidados de saúde prestados à população da região.

Num momento em que os sistemas de saúde enfrentam desafios crescentes relacionados com o envelhecimento da população, o aumento da procura e a necessidade de otimizar recursos, a digitalização tem vindo a assumir um papel determinante. A capacidade de disponibilizar informação em tempo real, reduzir erros e simplificar processos tornou-se uma prioridade para muitas organizações de saúde.

Foi precisamente neste contexto que a ULS de Castelo Branco avançou para a implementação da Mozy, uma plataforma tecnológica da Glintt Life. Mais do que uma atualização tecnológica, o projeto procurou transformar a forma como a informação relacionada com a medicação é gerida e partilhada entre os diferentes profissionais envolvidos no processo clínico.

“Antes da implementação da Mozy, vários processos associados ao circuito do medicamento dependiam de procedimentos mais fragmentados e com maior carga administrativa para os profissionais. Com a adoção da plataforma, a ULS Castelo Branco passou a dispor de processos mais integrados, com melhor partilha de informação entre equipas clínicas e farmacêuticas, permitindo decisões mais rápidas e consistentes”, afirma Bruno Carrulo, responsável do Serviço de Informática e Comunicações da ULS de Castelo Branco, acrescentando que “a digitalização e uniformização dos fluxos de trabalho contribuíram para ganhos de eficiência operacional, reforço da segurança da medicação e redução do risco de erro ao longo de todo o percurso assistencial.”

O circuito do medicamento é uma das áreas mais sensíveis da atividade hospitalar. Desde a prescrição inicial até à administração ao doente, cada etapa envolve procedimentos rigorosos, validações clínicas e registos que garantem a segurança e a eficácia dos tratamentos. Qualquer falha de comunicação, atraso na atualização da informação ou duplicação de tarefas pode ter impacto direto na qualidade dos cuidados.



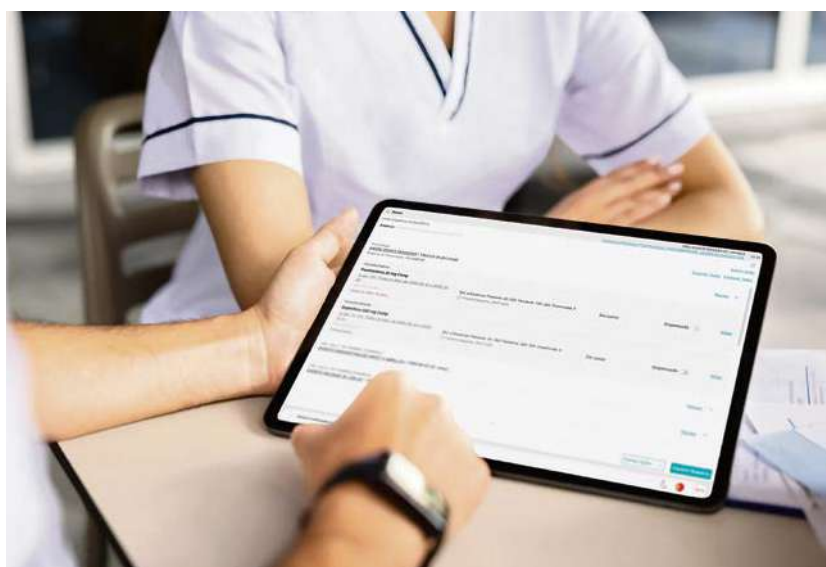
O QUE MUDA COM A MOZY

Antes da implementação desta plataforma, parte da informação estava dispersa por diferentes sistemas ou suportes, obrigando os profissionais a consultar múltiplas fontes. A gestão destes fluxos consumia tempo e aumentava a necessidade de verificações adicionais.

Com a entrada em funcionamento da Mozy, médicos, enfermeiros e farmacêuticos passaram a trabalhar com uma visão integrada de todo o circuito do medicamento. A informação está centralizada e disponível em tempo real, permitindo acompanhar cada etapa de forma mais rápida, transparente e consistente.

Na prática, isto significa que os profissionais conseguem aceder mais facilmente aos dados necessários para a sua atividade diária, reduzindo o tempo gasto em tarefas administrativas e aumentando a capacidade de resposta às necessidades clínicas dos doentes.

O impacto faz-se sentir em diferentes níveis. Para os médicos, a plataforma disponibiliza informação mais acessível e atualizada para apoiar a decisão clínica. Para os farmacêuticos, facilita a validação da terapêutica e o acompanhamento dos processos associados à medicação. Já para os enfermeiros, permite um registo mais eficiente e uma maior rastreabilidade no momento da administração dos medicamentos.



PARCERIAS TECNOLÓGICAS QUE IMPULSIONAM INOVAÇÃO

Esta iniciativa resulta de uma colaboração entre a ULS de Castelo Branco e a Glintt Life, especializada em soluções tecnológicas para o setor da saúde. O projeto envolveu um trabalho conjunto entre equipas clínicas, técnicas e operacionais, com o objetivo de adaptar a solução às necessidades específicas da instituição e garantir uma transição eficaz para o novo modelo de funcionamento.

Para Ricardo Afoito, Diretor de Mercado da Glintt Life, *“este projeto demonstra o potencial da tecnologia na modernização dos processos clínicos e na melhoria contínua dos serviços prestados no Serviço Nacional de Saúde”*. O responsável sublinha ainda que *“a transformação digital só produz resultados quando é desenvolvida em estreita colaboração com os profissionais que utilizam diariamente as ferramentas”*.

A experiência da ULS de Castelo Branco integra uma estratégia mais ampla de evolução da plataforma Mozy, que tem vindo a ser adotada progressivamente por outras unidades de saúde em Portugal. À medida que as instituições procuram responder a uma procura crescente com recursos limitados, a eficiência dos processos internos assume uma importância cada vez maior. Por isso, as ferramentas digitais capazes de automatizar tarefas, integrar informação e apoiar a decisão clínica são hoje elementos fundamentais para a sustentabilidade dos sistemas de saúde.

No caso da ULS de Castelo Branco, a implementação da Mozy é uma verdadeira mudança organizacional que procura colocar a inovação ao serviço dos profissionais e dos doentes, reforçando a segurança, a eficiência e a qualidade dos cuidados prestados.

Num sistema de saúde cada vez mais dependente da gestão eficiente da informação, projetos como este procuram responder a um desafio central: garantir que a tecnologia permite aos profissionais de saúde dedicar mais tempo àquilo que continua a ser o foco principal dos cuidados, o doente.

O impacto faz-se sentir em diferentes níveis. Para os médicos, a plataforma disponibiliza informação mais acessível e atualizada para apoiar a decisão clínica. Para os farmacêuticos, facilita a validação da terapêutica e o acompanhamento dos processos associados à medicação. Já para os enfermeiros, permite um registo mais eficiente e uma maior rastreabilidade no momento da administração dos medicamentos.

MICROBIOLOGIA CLÍNICA 4.0: A REVOLUÇÃO DIGITAL QUE ESTÁ A TRANSFORMAR O DIAGNÓSTICO DAS INFEÇÕES NA ULS SANTO ANTÓNIO



A Unidade Local de Saúde Santo António lidera a modernização da Microbiologia em Portugal com a implementação de um sistema totalmente automatizado e digital.

ANA PAULA CASTRO

Assistente Graduada, Diretora do Serviço de Microbiologia e Professora Catedrática
Convidada do ICBAS,

explica o impacto desta transformação no diagnóstico, na prática clínica e na saúde pública.

O que representa este equipamento para a Unidade Local de Saúde Santo António?

A ULS Santo António é a primeira das 39 Unidades Locais de Saúde do país a implementar este sistema, tornando-se líder nacional na modernização da Microbiologia no Serviço Nacional de Saúde.

Este equipamento representa um verdadeiro salto tecnológico, e traduz-se na substituição do método tradicional de sementeira em placas por um processo totalmente digitalizado e automatizado, permitindo uma maior eficiência, rapidez e inovação nos procedimentos laboratoriais.

Que importância e qual o papel da Microbiologia Clínica num hospital central?

A Microbiologia Clínica é uma subespecialidade dentro da Especialidade Médica de Patologia Clínica. O grau é conferido por consenso, por um júri nomeado pelo Colégio da Especialidade de Patologia Clínica da Ordem dos Médicos. Os candidatos à obtenção da Subespecialidade têm de ter um mínimo de 5 anos de experiência como Patologistas Clínicos dedicados à área da Microbiologia.

A Microbiologia foi vista, durante muitos anos, como uma área exclusivamente laboratorial, sendo inclusivamente praticada por outros profissionais de saúde que não médicos.

O Serviço de Microbiologia do Hospital de Santo António foi criado há 35 anos e, desde sempre, pugnou pela proximidade com as especialidades clínicas, com o intuito de colaborar ativamente com os colegas em todo o processo de diagnóstico das doenças infecciosas, desde a colheita do produto adequado até à interpretação dos resultados microbiológicos e à decisão terapêutica, praticando consultoria nesta área tão importante do diagnóstico.

Outra vertente da Microbiologia Clínica é o ensino médico pré-graduado. O Serviço de Microbiologia do Hospital de Santo António é responsável pela Unidade Curricular de Microbiologia Médica do Curso de Medicina do ICBAS desde 1978/79.

O ensino médico pós-graduado, a participação em vários projetos de investigação nacionais e internacionais, a presença em várias comissões hospitalares, a organização de Jornadas de Microbiologia Clínica e de cursos teórico-práticos diversos na área da Microbiologia Clínica (ex.: Micologia, Parasitologia, Anaeróbios estritos) para profissionais de saúde são outras vertentes do trabalho do microbiologista clínico.

Por fim, o trabalho laboratorial (*last but not least*) do Microbiologista Clínico consiste no estudo dos microrganismos patogénicos responsáveis pelos síndromes clínicas, desde a suspeita clínica e a colheita do(s) produto(s) biológico(s) adequado(s) até à emissão do resultado e à discussão do mesmo com o clínico.

A automatização em Microbiologia vai permitir a emissão contínua de resultados entre as 8 e as 20h, sendo esses resultados microbiológicos disponibilizados aos clínicos mais precocemente, com os consequentes benefícios no tratamento dos doentes.

Quais são as grandes vantagens e o que muda na prática com a automatização do processo microbiológico?

A automatização da Microbiologia traz quatro grandes mudanças:

- **Resultados muito mais rápidos:** o sistema fotografa as placas em intervalos pré-definidos e deteta o crescimento bacteriano em tempo real, permitindo diagnosticar e tratar o doente mais cedo.
- **Processo 100% digital:** a sementeira manual é substituída por um sistema robótico fechado, eliminando a necessidade de analisar visualmente as placas.
- **Mais segurança e menos erros:** o rastreio digital reduz a probabilidade de erro humano e protege a equipa técnica, ao diminuir a exposição direta a agentes patogénicos.
- **Sustentabilidade ecológica:** garante uma redução de cerca de 90% no material descartável e poupa energia, ao manter a temperatura da incubadora constante, sem aberturas frequentes.

A ULS Santo António é a primeira das 39 Unidades Locais de Saúde do país a implementar este sistema, tornando-se líder nacional na modernização da Microbiologia no Serviço Nacional de Saúde.

De que forma a automatização muda a organização interna do laboratório e que desafios trouxe na transição tecnológica das equipas?

A automatização em Microbiologia vai permitir a emissão contínua de resultados entre as 8 e as 20 h, sendo esses resultados microbiológicos disponibilizados aos clínicos mais precocemente, com os consequentes benefícios no tratamento dos doentes.

Quanto à transição tecnológica das equipas, o desafio para Médicos Microbiologistas e Técnicos Superiores de Diagnóstico e Terapêutica é aprender a utilizar este *software* e implementar esta metodologia na rotina laboratorial, com o apoio inestimável das equipas de profissionais que nos têm acompanhado nesse processo.

Este sistema permite uma melhor articulação entre laboratório, médicos e equipas clínicas?

Este sistema libertará os Microbiologistas Clínicos da pesada rotina laboratorial clássica, disponibilizando-os para tarefas como a Consultoria (apoio aos clínicos no diagnóstico e tratamento das patologias infecciosas), assim como no Ensino (maior disponibilidade para dar formação aos internos das especialidades de Patologia Clínica e Infeciologia), e também na participação em Comissões Hospitalares e em Projetos de Investigação, entre outros.

Que impacto pode ter este sistema na vigilância epidemiológica e na saúde pública?

A transição de uma microbiologia clássica para uma cadeia automatizada e digital altera profundamente o paradigma da vigilância epidemiológica e da saúde pública. A utilidade desta tecnologia baseia-se em quatro pilares fundamentais:

1. Velocidade crítica na deteção de surtos: na epidemiologia hospitalar, o tempo é o fator mais crítico para travar uma cadeia de transmissão;
2. Rastreabilidade total e padronização de dados: a automatização garante que cada amostra biológica é microscopicamente rastreada por códigos de barras únicos desde a entrada até à leitura final;
3. Integração digital e alertas automatizados (mapeamento em tempo real): o software da cadeia automatizada cruza instantaneamente os dados de identificação bacteriana com o histórico do doente e a sua localização física no hospital.
4. Alimentação de Redes Nacionais de Saúde Pública: a automatização digital facilita a exportação de dados estruturados para plataformas de vigilância em saúde pública.

Num futuro próximo, que portas abre esta tecnologia para a Microbiologia Clínica?

A introdução de uma cadeia totalmente automatizada e digital não é apenas uma melhoria operacional; num futuro muito próximo, esta tecnologia abre portas para três transformações revolucionárias:

1. **A Integração de Inteligência Artificial (IA) e Visão Computacional**
O arquivo digital de imagens em alta resolução gerado pelas estufas inteligentes constitui a base perfeita para treinar algoritmos de *Machine Learning*.

- Triage Automática de Negativos
- Pré-identificação de Colónias: os algoritmos poderão reconhecer precocemente a morfologia, cor e características de crescimento de determinados patógenos nas placas digitais.

2. **Tele-Microbiologia e Redes de Consultoria Global**

A desmaterialização da placa de Petri física – transformando-a numa imagem digital acessível através de uma rede segura – elimina as barreiras geográficas dentro do próprio ecossistema de saúde.

- Discussão de Casos Clínicos à Distância

3. **Medicina de Precisão e Stewardship de Antimicrobianos Preditivo**

A acumulação massiva de dados digitais padronizados (*Big Data*) cruzada com os registos clínicos eletrónicos dos doentes vai permitir criar modelos preditivos de infeção.

BIOMÉRIEUX PORTUGAL - 40 ANOS AO SERVIÇO DO LABORATÓRIO DE MICROBIOLOGIA E DA SAÚDE PÚBLICA



Por ocasião dos 40 anos da bioMérieux em Portugal,

PEDRO DI ROCCO

Vice President e Clinical Operations e

RUI PEDRO NUNES

Clinical Marketing Director da bioMérieux Iberia,

fazem um balanço da evolução do diagnóstico microbiológico e dos desafios atuais na saúde pública.

Ao assinalar 40 anos de presença em Portugal, que balanço faz a bioMérieux do seu contributo para a evolução do diagnóstico laboratorial microbiológico no país?

Ao longo destes 40 anos, a bioMérieux tem sido um parceiro próximo dos laboratórios portugueses na evolução do diagnóstico microbiológico, contribuindo para uma transformação profunda da forma como as infeções são detetadas, caracterizadas e monitorizadas. A nossa história em Portugal começou em 1986, com a missão de disponibilizar aos profissionais e instituições de saúde soluções inovadoras de diagnóstico *in vitro* acompanhadas de um suporte técnico-científico de excelência e proximidade.

Nestes 40 anos, assistimos à passagem de processos predominantemente manuais para laboratórios cada vez mais automatizados, digitais e integrados. A bioMérieux participou ativamente nessa evolução através da introdução de tecnologias de identificação microbiológica, testes de suscetibilidade aos antimicrobianos, sistemas de hemoculturas, diagnóstico molecular rápido e, mais recentemente, soluções avançadas de automação total da microbiologia laboratorial. Um exemplo recente é a implementação do primeiro sistema de automatização total em microbiologia num hospital público português, um marco importante na modernização dos laboratórios de microbiologia nacionais.

Acreditando que nos levantamos todos as manhãs para ajudar a salvar vidas, a nossa missão é simples: permitir diagnosticar mais cedo, apoiar uma utilização mais responsável dos antibióticos e transformar dados em decisões que melhorem os resultados dos doentes e a sustentabilidade do SNS.

Na sua opinião, nestes últimos 40 anos quais têm sido os grandes marcos na evolução no diagnóstico das infeções e qual o seu real impacto na saúde?

Um dos avanços mais significativos não foi tecnológico; tem sido o clínico. Há 40 anos o desafio principal era identificar o microrganismo. Hoje o desafio é fornecer a informação certa, no momento certo, para ajustar o comportamento clínico. É por isso que consideramos que os maiores avanços recentes não são apenas o MALDI-TOF, diagnóstico molecular sintético rápido ou a automação total da microbiologia laboratorial isoladamente, mas sim a convergência de um diagnóstico rápido, como suporte à decisão clínica que permita uma melhor adaptação das estratégias terapêuticas que por sua vez atuarão positivamente no combate à resistência antimicrobiana.

É precisamente nesta interseção que as soluções de diagnóstico *in vitro* modernas estão a gerar o maior valor clínico e económico: menos tempo até ao tratamento correto, menos antibióticos desnecessários, menor duração de internamento e melhor controlo da resistência antimicrobiana

A resistência aos antimicrobianos é uma das grandes preocupações de saúde pública. De que forma as soluções da bioMérieux podem ajudar os médicos a escolher tratamentos mais adequados e a reduzir o uso desnecessário de antibióticos?

Na verdade, a resistência aos antimicrobianos mais do que uma preocupação é já um desafio real para a nossa saúde e uma ameaça para a saúde dos nossos filhos e netos. Nesta área a bioMérieux ajuda as instituições e os profissionais de saúde a substituir decisões empíricas por decisões baseadas em evidência microbiológica rápida e acionável.

Ao identificar precocemente o agente infeccioso e o seu perfil de resistência, é possível selecionar o tratamento mais adequado, reduzir o uso desnecessário de antibióticos e apoiar programas eficazes de utilização racional dos antimicrobianos.

As soluções de diagnóstico *in vitro* da bioMérieux, fornecem a informação objetiva necessária para que equipas de microbiologia, doenças infecciosas, farmácia hospitalar e do programa de prevenção e controlo de infeções e de resistência aos antimicrobianos, possam atuar de forma rápida e coordenada: o antibiótico certo, ao doente certo, no momento certo, na dose certa.

@
A bioMérieux ajuda as instituições e os profissionais de saúde a substituir decisões empíricas por decisões baseadas em evidência microbiológica rápida e acionável.
@

Como a bioMérieux aposta na formação dos profissionais que utilizam as suas soluções, mas também dos seus próprios recursos humanos?

A bioMérieux não investe apenas em tecnologia. Investe igualmente nas instituições e profissionais de saúde que a utilizam, bem como em toda a nossa equipa que assegura a utilização das nossas soluções. Em termos de formação, podemos dividi-la em duas grandes áreas. A primeira que podemos definir como Educação Técnica e Clínica; através de uma oferta que inclui formação de produto, educação médica contínua, cursos online (*e-learning*), *webinars*, tutoriais e um apoio próximo durante a implementação e utilização das nossas soluções na rotina laboratorial e uma segunda área, com foco na formação da nossas diferentes equipas de apoio e serviço ao cliente, as quais recebem formação contínua, para se manterem atualizadas não só sobre a evolução tecnológica, mas também sobre as necessidades dos laboratórios e dos profissionais de saúde.

A rapidez no diagnóstico pode ser decisiva em situações como a sepsis. Que impacto têm digitalização e as novas tecnologias laboratoriais na resposta dos profissionais de saúde e nos resultados para os doentes?

Na sepsis, a rapidez continua a salvar vidas, mas hoje já não falamos apenas de rapidez. A combinação entre o diagnóstico sintético molecular rápido, a automatização laboratorial e a integração digital apoiada por análise avançada de dados e ferramentas de apoio à decisão clínica, já permite avançarmos para modelos preditivos e assim identificar mais cedo os doentes em risco, encurtar o tempo até ao tratamento adequado e apoiar decisões clínicas mais precisas.

O resultado é uma resposta mais eficiente dos profissionais de saúde, uma mais apropriada utilização dos antibióticos e dos recursos disponíveis e melhores resultados para os doentes.

Quais são os principais desafios para a bioMérieux Portugal no apoio às entidades de saúde na luta contra as infeções e nas resistências antimicrobianas?

A resistência aos antimicrobianos é, na nossa opinião, uma das maiores ameaças à saúde pública já hoje e naqueles que serão os próximos anos, que poderá colocar em causa muito do que tomamos por garantido em termos de saúde como seja, uma simples operação. Diagnosticar mais cedo e com maior precisão, para uma atuação mais precoce, de forma a preservar a eficácia dos antibióticos serão desafios primordiais para as nossas organizações de saúde, aliado à necessidade crescente de um trabalho conjunto entre laboratórios, clínicos, farmacêuticos, gestores e autoridades de saúde para responder de forma eficaz.

Neste sentido, entendemos que o maior desafio bioMérieux Portugal no apoio às entidades de saúde é que todos os stakeholders possam trabalhar em conjunto de forma a maximizar as soluções de diagnóstico *in vitro* inovadoras, que já estão disponíveis e maximizar o seu valor numa perspetiva integrada do valor que aportam a todo o sistema e não sejam consideradas como um custo circunscrito ao laboratório de Microbiologia. Vemos como desafio principal, o estabelecimento de um entendimento transversal entre todos os principais *stakeholders* da saúde, sobre o valor que realmente aporta investir em soluções diagnósticas *in vitro* para um melhor tratamento do doente e gestão das unidades de saúde.

@
O maior desafio bioMérieux Portugal no apoio às entidades de saúde é que todos os stakeholders possam trabalhar em conjunto de forma a maximizar as soluções de diagnóstico *in vitro* inovadoras.
@



TECNOLOGIA AO SERVIÇO DA CLÍNICA: EFICIÊNCIA E SEGURANÇA NO SNS



JORGE ALVES
CEO, BIQ Health Solution

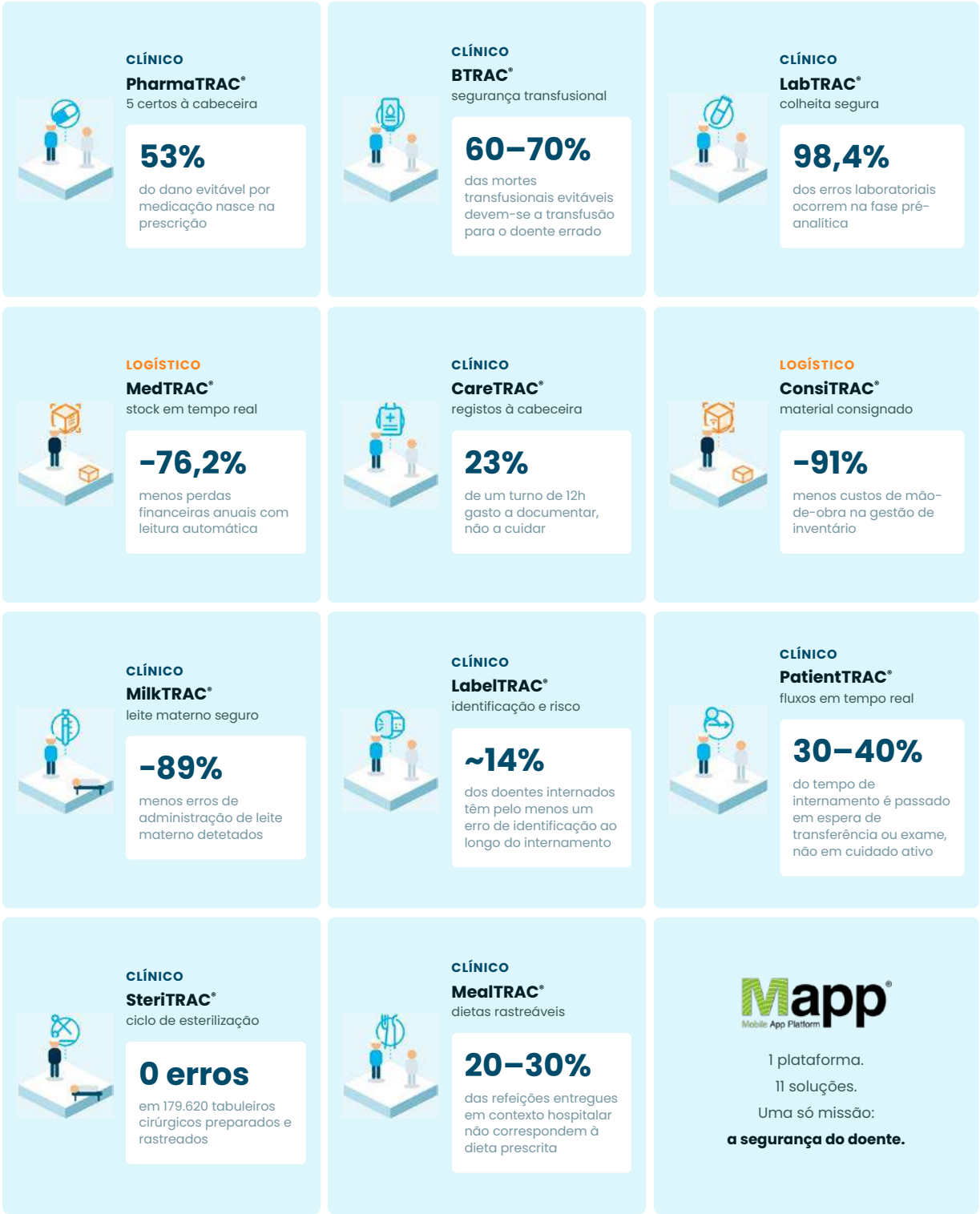
O Serviço Nacional de Saúde enfrenta hoje uma pressão sem precedentes. Listas de espera persistentes, escassez de profissionais, envelhecimento da população e exigências crescentes de qualidade e segurança colocam desafios que obrigam a repensar a forma como prestamos cuidados de saúde. Neste contexto, a tecnologia deixou de ser um luxo ou um mero instrumento administrativo para se afirmar como uma condição essencial para a sustentabilidade do sistema.

Fala-se frequentemente em digitalização da saúde, mas a verdadeira questão é outra: de que forma pode a tecnologia apoiar diretamente a atividade clínica, libertando os profissionais para aquilo que verdadeiramente exige o seu conhecimento, experiência e atenção – o paciente. Sistemas de suporte à decisão clínica, plataformas de gestão de processos assistenciais, soluções de interoperabilidade entre serviços e mecanismos automatizados de validação e segurança do medicamento, transfusional, laboratorial entre outros, são exemplos concretos de como a inovação pode reduzir erros, otimizar processos e melhorar os resultados em saúde e económicos. A eficiência não deve ser entendida apenas como redução de custos. É, sobretudo, a capacidade de fazer mais e melhor com os recursos disponíveis. Num cenário marcado pela escassez de profissionais, automatizar tarefas repetitivas e burocráticas, integrar informação clínica dispersa e simplificar fluxos de trabalho traduz-se em ganhos diretos de tempo clínico, tempo que pode ser devolvido ao paciente. A segurança constitui, talvez, a dimensão mais crítica e simultaneamente menos visível do impacto da tecnologia. Erros de medicação, falhas de comunicação entre equipas e perda de informação clínica continuam a estar na origem de eventos adversos evitáveis. A implementação de soluções tecnológicas bem concebidas, centradas no utilizador clínico e validadas em contexto real, cria barreiras de segurança que reduzem significativamente esses riscos, sem acrescentar burocracia ao já exigente quotidiano dos profissionais. Pelo contrário, permite-lhes trabalhar com maior confiança, eficiência e qualidade.

SOB O MESMO CHAPÉU

11 soluções MAPP®, 11 números que provam o impacto.

Cada solução da suite MAPP® ataca um ponto crítico de segurança ou eficiência no percurso hospitalar — e cada uma tem, hoje, um número que o comprova.



BIQ Health Solutions · Rua Ferreira de Castro nº20-C, Barcarena · Tel: +351 214 342 600 · biq.geral@biqhs.com · www.biqhs.com



@
Na BIQ Health Solutions acreditamos que a inovação só faz sentido quando é desenvolvida em estreita colaboração com quem está no terreno: médicos, enfermeiros, farmacêuticos e gestores hospitalares.
@

Importa, contudo, sublinhar que a tecnologia nunca substituirá a decisão clínica nem a relação humana entre profissional e paciente. O seu papel é apoiar, simplificar e reforçar a segurança dos processos assistenciais, nunca criar uma camada adicional de complexidade.

As soluções que exigem mais tempo do que aquele que conseguem poupar acabam inevitavelmente por ser abandonadas ou subutilizadas, independentemente da sua sofisticação tecnológica.

Na BIQ Health Solutions acreditamos que a inovação só faz sentido quando é desenvolvida em estreita colaboração com quem está no terreno: médicos, enfermeiros, farmacêuticos e gestores hospitalares. Só dessa forma é possível criar soluções verdadeiramente úteis, capazes de responder às necessidades reais do SNS e de se integrar naturalmente nos fluxos de trabalho existentes.

Os desafios do Serviço Nacional de Saúde não serão resolvidos apenas com tecnologia, mas dificilmente serão ultrapassados sem ela. Investir em soluções digitais robustas, seguras e centradas nos profissionais de saúde é investir diretamente na qualidade dos cuidados prestados, na segurança dos pacientes e na sustentabilidade futura do SNS.

É esta a convicção que orienta a BIQ Health Solutions e que continuará a guiar o nosso compromisso com a transformação digital da saúde nos próximos anos.

CENTRO ALGORITMI – CIÊNCIA, DADOS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL AO SERVIÇO DA SAÚDE



PAULA VARANDAS FERREIRA
Diretora do Centro de Investigação
ALGORITMI

Assinalar os 525 anos do primeiro hospital público nacional e o Dia Mundial do Hospital é também olhar para o futuro dos cuidados de saúde. Ao longo de mais de cinco séculos, os hospitais evoluíram de espaços de acolhimento e assistência para organizações altamente complexas, onde a qualidade da decisão, a gestão dos recursos e a capacidade de inovar são determinantes para responder melhor aos cidadãos.

Neste contexto, a ciência e a tecnologia assumem um papel cada vez mais relevante. O Centro ALGORITMI, unidade de Investigação e Desenvolvimento da Escola de Engenharia da Universidade do Minho, tem contribuído de forma significativa para essa transformação. Com quase cinco décadas de atividade, o Centro reúne hoje mais de meio milhão de investigadores e desenvolve investigação no domínio das Tecnologias de Informação, Comunicação e Eletrónica, com impacto em áreas como a inteligência artificial, ciência dos dados, sistemas de informação, eletrónica, engenharia industrial, comunicações, investigação operacional e gestão.

Na área da saúde, o Centro ALGORITMI tem desenvolvido projetos que aproximam a investigação científica das necessidades reais dos hospitais, dos profissionais de saúde e dos doentes. Esta aposta traduz-se em soluções que procuram melhorar a interoperabilidade dos sistemas, apoiar a decisão clínica, otimizar o agendamento, reduzir tempos de espera, reforçar a segurança dos cuidados e promover uma utilização mais inteligente dos recursos disponíveis.



MANUEL FILIPE SANTOS
Coordenador do Grupo de Tecnologias e
Sistemas de Informação.

Um dos exemplos é o projeto europeu XiA – *Xpanding Innovative Alliance*, centrado na interoperabilidade em saúde digital. No contexto do Espaço Europeu de Dados de Saúde, o XiA procura reforçar as competências dos profissionais de saúde e das tecnologias de informação para a adoção de normas avançadas, incluindo o Formato Europeu de Intercâmbio de Registos Eletrónicos de Saúde. Através da análise das necessidades de formação em interoperabilidade nos Estados-Membros da União Europeia, o projeto contribui para um ecossistema de saúde mais integrado, eficiente e centrado no cidadão.

@
A otimização da marcação de consultas externas e exames médicos é também uma área estratégica. O projeto IMOMESO explora modelos inteligentes para antecipar necessidades, melhorar o planeamento, reduzir faltas, evitar redundâncias e sincronizar melhor consultas e exames.
@

Outra linha de investigação de grande impacto assenta na abordagem *Adaptive Business Intelligence* aplicada ao contexto hospitalar. Esta abordagem combina previsão, otimização e apoio à decisão, permitindo que os sistemas deixem de se limitar a descrever o passado e passem a apoiar decisões mais informadas no presente. Em ambiente hospitalar, onde a procura é variável, os recursos são limitados e cada decisão pode afetar diretamente o percurso do doente, esta capacidade é particularmente importante.

Em parceria com instituições do Serviço Nacional de Saúde, têm sido desenvolvidas soluções para o agendamento de consultas, exames e cirurgias, a gestão de internamento e camas, a gestão de fluxos de doentes, o controlo da infeção hospitalar, o controlo da diabetes e a inovação no bloco operatório.

A otimização da marcação de consultas externas e exames médicos é também uma área estratégica. O projeto IMOMESO explora modelos inteligentes para antecipar necessidades, melhorar o planeamento, reduzir faltas, evitar redundâncias e sincronizar melhor consultas e exames. O objetivo é tornar a experiência do cidadão mais simples e eficaz, garantindo que os atos clínicos decorrem no momento adequado e com a informação necessária disponível.

No domínio da segurança dos cuidados, o projeto “Controlo Inteligente da Infeção Hospitalar” explorou técnicas de aprendizagem automática aplicadas a registos clínicos eletrónicos para detetar precocemente padrões associados a infeção. A finalidade é apoiar os profissionais na prevenção, reforçando a vigilância e permitindo respostas mais rápidas e fundamentadas.

A Inteligência Artificial tem ainda sido aplicada ao diagnóstico e à análise de imagem médica. Um dos trabalhos em curso incide sobre a deteção precoce do ceratocone, uma doença progressiva da córnea que pode comprometer significativamente a visão. Através da análise de dados obtidos por exames de imagem e avaliações clínicas, foram desenvolvidos modelos capazes de distinguir olhos saudáveis de olhos com sinais de doença, incluindo formas iniciais e subclínicas, apoiando uma intervenção mais precoce.

O projeto MIQR-CC, aplica Inteligência Artificial à melhoria da qualidade e segurança dos exames de endoscopia digestiva. A análise automática de imagens médicas, relatórios clínicos e descrições de especialistas permite monitorizar indicadores de qualidade, apoiar a decisão clínica e reduzir tarefas administrativas, libertando tempo para o cuidado direto ao doente.

O projeto KPI4HOMLean reforça a ligação entre investigação, gestão hospitalar e melhoria contínua dos cuidados. Desenvolvido no âmbito da gestão de operações em saúde, procura criar um referencial inovador de indicadores de desempenho, articulando princípios de Lean Healthcare, tecnologias digitais, mineração de processos, simulação de fluxos de doentes e recolha automática de dados.

O objetivo é apoiar profissionais e decisores na monitorização da eficiência, qualidade, segurança e experiência dos utentes. Um estudo piloto demonstrou a viabilidade da utilização de *Real-Time Location Systems* para mapear percursos reais dos doentes, identificar tempos de permanência e gerar conhecimento útil para processos hospitalares mais ágeis, sustentáveis e centrados no cidadão.

A par destes projetos, o Centro ALGORITMI desenvolve uma estratégia de investigação centrada em aplicações inteligentes em saúde. Esta visão parte dos dados clínicos semanticamente padronizados e reproduzíveis como base para a medicina de precisão, os gémeos digitais e a investigação translacional.

Esta abordagem permite construir representações mais rigorosas do estado de saúde dos doentes, prever trajetórias clínicas, simular cenários e apoiar decisões mais personalizadas. Ao mesmo tempo, quando agregada, permite compreender melhor as necessidades de saúde, planear recursos e aproximar a investigação da prática clínica.

@
No momento em que se celebra a história do hospital público e o seu papel social, o Centro ALGORITMI reafirma o contributo da investigação nacional para a modernização da saúde.
@

No momento em que se celebra a história do hospital público e o seu papel social, o Centro ALGORITMI reafirma o contributo da investigação nacional para a modernização da saúde. Da interoperabilidade à decisão clínica, da gestão hospitalar à medicina de precisão, a ciência produzida na Universidade do Minho ajuda a construir hospitais mais inteligentes, sustentáveis e centrados no cidadão.



Infraestrutura de computação avançada.



Centro ALGORITMI is supported by FCT
– Fundação para a Ciência e Tecnologia within
the R&D Unit Project Scope UID/00319/2025
- Centro ALGORITMI (ALGORITMI/UM)
<https://doi.org/10.54499/UID/00319/2025>

UMA ESTRATÉGIA DE PROXIMIDADE PARA RESPONDER AOS DESAFIOS DO SETOR DA SAÚDE



Com mais de um século de experiência e inovação tecnológica, a **Electro Calorique** consolidou a sua presença em Portugal através de uma filial própria, reforçando a proximidade com os clientes e a aposta no setor da saúde.

FERNANDO ROCHA

Country Manager da Electro Calorique Portugal.

fala sobre o percurso da empresa, os fatores diferenciadores da sua oferta, a importância da inovação e as perspetivas para a evolução do mercado nacional.

Como define a presença e o percurso da Electro Calorique em Portugal?

A Electro Calorique é uma multinacional francesa, com mais de 100 anos de inovação tecnológica neste segmento de mercado, ajudando os nossos clientes, em todo o mundo, a melhorar a distribuição das suas refeições.

Em Portugal, a Electro Calorique marca presença há mais de 25 anos, sendo que os primeiros 22 anos corresponderam a uma presença no mercado através de distribuidores. Recentemente, em 2022, a marca decidiu tornar-se um parceiro direto e único neste segmento em Portugal, criando uma filial 100% portuguesa: a Electro Calorique Portugal.

Quais são as principais áreas de atuação e que importância assume hoje o setor da saúde na vossa atividade?

As principais áreas de atuação são a hospitalar, estabelecimentos prisionais, casas de repouso/Santas Casas, restauração, hotelaria e cozinhas centrais/catering. Atualmente, o setor da saúde em Portugal é o principal setor de atividade, representando mais de 95% da nossa atividade, entre hospitais públicos e privados e também as Santas Casas da Misericórdia.

Na área da saúde, onde a exigência é máxima, o que faz a diferença na vossa resposta?

O principal objetivo da EC Portugal é servir o cliente da melhor forma possível. A EC Portugal define-se, acima de tudo, como um parceiro que tem por objetivo estar o mais próximo possível dos nossos clientes e potenciais clientes, apoiá-los nos seus projetos e trabalhar com eles para assegurar o sucesso da sua distribuição de refeições. Note-se que, muitas vezes, este é um trabalho que dura anos, até que seja possível concretizar a venda. Posicionamo-nos com uma tecnologia que privilegia a manutenção das qualidades organoléticas dos alimentos, a inércia térmica dos equipamentos, a sua durabilidade e resistência, o consumo mínimo de energia e o aquecimento individual de cada tabuleiro.



A EC Portugal visita os clientes de forma ativa, apresenta propostas e soluções que vão ao encontro das necessidades do cliente, empresta equipamento, se for necessário, efetua demonstrações de equipamentos, sem qualquer compromisso de venda.



O que distingue a oferta da Electro Calorique num mercado cada vez mais exigente e competitivo?

A grande diferença é que nos posicionamos como um parceiro e não como um fornecedor que está sentado no seu escritório e que unicamente responde a concursos públicos.

A EC Portugal visita os clientes de forma ativa, apresenta propostas e soluções que vão ao encontro das necessidades do cliente, empresta equipamento, se for necessário, efetua demonstrações de equipamentos, sem qualquer compromisso de venda, e ainda aluga equipamentos, se assim nos for solicitado pelo cliente.

Como a empresa transforma os desafios específicos em soluções adaptadas a cada cliente e a cada projeto?

Cada caso é um caso e não existem dois clientes iguais. Necessitamos de visitar, estudar as particularidades de cada um, propor demonstrações em tempo real para que o cliente conheça o nosso equipamento e efetuar testes adaptados à sua realidade, tendo em conta as suas necessidades e particularidades.

Para além dos equipamentos, que experiência, acompanhamento e valor acrescentado oferece a Electro Calorique ao mercado?

O conhecimento do mercado é fundamental, assim como o contacto com as realidades de cada cliente. O mercado português é um mercado deficitário nesta área, em que as normas do HACCP vieram reforçar a importância dessa transformação, que, pouco a pouco, tem vindo a ser feita, com o apoio das empresas de catering que operam nos hospitais, assim como dos programas de apoio da União Europeia, que têm sido uma alavanca fundamental, sem a qual muitas unidades continuariam hoje como há 20 anos. Daí a importância de a EC Portugal se posicionar como um parceiro que coloca os seus clientes no centro do seu desenvolvimento, o que leva muitas vezes a empresa a desenvolver soluções feitas à medida. Por outro lado, e essa foi uma das razões da criação da filial, está a proximidade com o cliente.

Fazemos um trabalho que é impossível ser realizado por um distribuidor e que, ao longo dos anos, fomos verificando que não fazia sentido que a forma de estarmos no mercado nos condicionasse junto dos clientes.

Hoje, o cliente tem um interlocutor que o ajuda no seu projeto, na seleção dos seus equipamentos, lhe propõe os melhores preços, lhe dá formação, lhe propõe auditorias e coloca à sua disposição um serviço técnico único, eficaz e conhecedor do equipamento.

De que forma a inovação, a sustentabilidade e a evolução tecnológica orientam a estratégia da Electro Calorique?

O futuro faz parte integrante de todas as nossas equipas de I&D, tal como a evolução dos cuidados ambulatoriais nos nossos clientes, a implantação da tecnologia digital, a robótica e a automatização de tarefas. São questões que tratamos de forma a antecipar necessidades futuras. Fabricamos produtos que respeitam o mais possível o nosso planeta. Isso inclui a sua longevidade, a seleção de materiais e fornecedores, assegurando sempre o seu fim de vida, onde recuperamos e reciclamos matérias-primas, como o aço inoxidável, que será novamente utilizado em futuros equipamentos.

Como veem a evolução do mercado português e que oportunidades identificam para o crescimento da Electro Calorique nos próximos anos?

O mercado português é um mercado que, pelas particularidades da alimentação, se posiciona maioritariamente como um mercado que opera em linha quente, sendo que apenas os principais hospitais operam em linha fria. Este posicionamento atrasa um pouco este processo, uma vez que não obriga à regeneração do alimento e, por isso mesmo, existem grandes unidades com equipamentos há mais de 20 anos e unidades mais pequenas que, até hoje, continuam a servir em tabuleiro isotérmico.



A Electro Calorique é uma multinacional francesa, com mais de 100 anos de inovação tecnológica neste segmento de mercado, ajudando os nossos clientes, em todo o mundo, a melhorar a distribuição das suas refeições.



Os operadores privados de catering das cozinhas têm tido um papel fundamental nesta área, pois muitas vezes são o suporte para os investimentos realizados nos hospitais públicos.

Por outro lado, a obrigatoriedade do cumprimento das normas do HACCP tem vindo, nos últimos anos, a fazer com que as unidades com alguma capacidade financeira adquiram equipamentos que vão ao encontro das suas necessidades, juntamente com os programas de apoio da União Europeia, que têm constituído uma importante alavanca.

Além disso, o mercado português tem registado um crescimento importante nos últimos anos no setor público e no setor da terceira idade, junto das Santas Casas da Misericórdia, casas de repouso, UCC, entre outras entidades.

A Electro Calorique Portugal continuará a desenvolver o seu trabalho nesta área, reforçando cada vez mais o seu posicionamento como parceira preferencial.



ATENTO: A TELESSAÚDE QUE APROXIMA A ULS SÃO JOSÉ DOS DOENTES CRÓNICOS



NEUZA REIS

Coordenadora de enfermagem do Centro de Telessaúde ATENTO,

esclarece como este modelo está a transformar o acompanhamento de utentes com doença crónica complexa. Criado para reforçar a proximidade e a continuidade dos cuidados, o Centro de Telessaúde ATENTO transforma a monitorização à distância numa resposta clínica estruturada, permitindo detetar precocemente sinais de agravamento, reduzir deslocações desnecessárias e promover intervenções mais rápidas e coordenadas.

Quais os objetivos do Centro de Telessaúde ATENTO e que necessidade concreta veio colmatar dentro da ULS São José?

O Centro de Telessaúde ATENTO aproxima os cuidados das pessoas, garantindo acompanhamento clínico estruturado, contínuo e seguro fora do hospital. Responde a uma necessidade concreta da ULS São José: acompanhar utentes com doença crónica complexa, fragilidade clínica ou necessidade de vigilância regular, evitando deslocações desnecessárias, antecipando sinais de agravamento e promovendo respostas mais precoces e coordenadas. O ATENTO não é apenas uma plataforma tecnológica. É um modelo assistencial que integra telemonitorização, telereabilitação, teleconsulta/videoconsulta e acompanhamento remoto, com equipa dedicada e circuitos de referência, vigilância, gestão de alertas e articulação com os serviços de origem.

Que lacunas existiam no acompanhamento de doentes crónicos complexos antes da criação deste modelo?

Antes do ATENTO, muitos utentes com doença crónica eram acompanhados por consultas presenciais periódicas, episódios de urgência ou contactos pontuais. Entre esses momentos, podiam existir períodos sem monitorização sistemática, dificultando a deteção precoce de descompensações.

Existiam lacunas na articulação entre serviços, na uniformização dos circuitos, na gestão dos dados recolhidos em casa e na capacidade de transformar sinais precoces em intervenção atempada. Esta ausência de vigilância podia traduzir-se num agravamento clínico, recurso evitável à urgência, internamentos potencialmente previsíveis e maior sobrecarga para utentes e cuidadores. O ATENTO veio organizar essa resposta, acrescentando vigilância e proximidade.



A gestão de alertas mostra o papel central da enfermagem.

Em média, a equipa de enfermagem encerra 451 alertas por mês, cerca de 22 por dia; a equipa médica encerra 52 alertas por mês, cerca de 2 por dia. Isto demonstra que a enfermagem é primeira linha de vigilância, validação clínica, educação terapêutica e orientação, escalando situações que exigem decisão médica.



Como funciona, na prática, o percurso de um utente acompanhado pelo ATENTO?

O percurso começa com a referência pelo serviço clínico de origem. A equipa do ATENTO confirma se a pessoa reúne critérios clínicos, tecnológicos e funcionais para integrar o programa. Após validação, é obtido o consentimento informado e feita a integração, com explicação dos objetivos, equipamentos, plataforma, dados a enviar e sinais de alerta.

Depois, o utente passa a ser acompanhado remotamente. Conforme o programa, pode enviar tensão arterial, frequência cardíaca, saturação periférica de oxigénio, glicemia, peso, sintomas ou questionários clínicos. Na telereabilitação, podem decorrer sessões síncronas ou assíncronas, com exercícios, educação terapêutica e avaliação funcional. A enfermagem acompanha dados, valida alertas, contacta o utente, reforça ensinamentos, promove adesão terapêutica e articula com a equipa médica quando necessário.

Que modelo de funcionamento sustenta o ATENTO?

O ATENTO assenta num modelo multidisciplinar, com enfermeiros, enfermeiros especialistas, médicos dos serviços de origem ou áreas clínicas envolvidas, assistentes técnicos, profissionais dos sistemas de informação e, quando necessário, outros profissionais de saúde.

A enfermagem tem um papel central: integração dos utentes, educação para utilização dos equipamentos, promoção do autocuidado, vigilância dos dados, primeira triagem dos alertas, contacto estruturado com os utentes e articulação com os serviços. A equipa médica mantém a responsabilidade pela decisão clínica médica, nomeadamente em alterações terapêuticas, avaliação diagnóstica, reavaliação presencial ou decisão especializada. O modelo é de complementaridade.

Que entidades estão envolvidas no desenvolvimento deste projeto?

O ATENTO é um projeto da ULS São José e envolve o Conselho de Administração, serviços clínicos referenciadores, equipas médicas e de enfermagem, Cardiopneumologistas, sistemas de informação, qualidade, segurança, proteção de dados, apoio administrativo e a SPMS. Conta também com parceiros tecnológicos, nomeadamente a Hope Care, e pode envolver fornecedores de plataformas ou dispositivos de monitorização. O ATENTO não é um projeto isolado de tecnologia; é uma resposta institucional da ULS São José para integrar a telessaúde no percurso real dos utentes.

Que resultados já conseguem medir desde a criação do ATENTO?

Em 2025, o ATENTO acompanhou 1.353 utentes, com média de idade de 65 anos, em programas como arritmologia, endocrinologia, reabilitação, hipertensão arterial, diabetes, insuficiência cardíaca e doença respiratória crónica. Um dos dados mais expressivos é o volume de informação recolhida: 90.531 medições por mês, em média. Isto permite acompanhamento contínuo no domicílio, e não apenas em consulta ou urgência.

A gestão de alertas mostra o papel central da enfermagem. Em média, a equipa de enfermagem encerra 451 alertas por mês, cerca de 22 por dia; a equipa médica encerra 52 alertas por mês, cerca de 2 por dia. Isto demonstra que a enfermagem é primeira linha de vigilância, validação clínica, educação terapêutica e orientação, escalando situações que exigem decisão médica.

Na comparação entre 2024 e 2025, observaram-se reduções na taxa de idas à urgência por doente/ano: 45,7% na insuficiência cardíaca, 55,7% na diabetes, 15,4% na hipertensão arterial, 10,5% nos doentes respiratórios e 6,1% nos utentes em telereabilitação. Nos internamentos, verificaram-se reduções de 70,8% na insuficiência cardíaca, 27,7% na arritmologia, 40% na diabetes, 25% na reabilitação e 28,6% na hipertensão arterial. Estes resultados sugerem melhor utilização dos recursos hospitalares e maior capacidade de intervenção precoce. Além disso, 92% dos dados são automáticos e cada utente permaneceu, em média, 341 dias em telemonitorização.

Quais são as metas de futuro e os principais desafios para escalar este projeto?

As metas passam por consolidar o ATENTO como estrutura transversal de telessaúde da ULS São José, alargar programas de acompanhamento remoto, reforçar a integração com serviços clínicos e cuidados de saúde primários, e desenvolver indicadores de qualidade, segurança, efetividade e eficiência.

O objetivo é passar de projetos isolados para um modelo institucional de telessaúde, com critérios de referência claros, processos integrados, circuitos de decisão, indicadores comuns e sistemas interoperáveis. Os principais desafios são a integração dos dados nas plataformas clínicas, o dimensionamento das equipas, a literacia digital, a sustentabilidade financeira e a avaliação contínua de resultados. Escalar o ATENTO exige tecnologia, mas sobretudo governação clínica.



O ATENTO é um projeto da ULS São José e envolve o Conselho de Administração, serviços clínicos referenciadores, equipas médicas e de enfermagem, sistemas de informação, qualidade, segurança, proteção de dados, apoio administrativo e a SPMS. Conta também com parceiros tecnológicos, nomeadamente a Hope Care, e pode envolver fornecedores de plataformas ou dispositivos de monitorização.



CATARATA & GLAUCOMA: O QUE SÃO, COMO RECONHECER E COMO TRATAR



PEDRO MENÉRES
Presidente da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia (SPO)

PREVALÊNCIA DA CATARATA E FATORES DE RISCO

A catarata é uma das principais causas de diminuição e perda visual em Portugal e no mundo. O principal fator de risco é a idade. Na maioria dos casos, a catarata resulta de um processo natural de envelhecimento do cristalino – a lente natural que temos no interior do olho. Existem, no entanto, outros fatores que podem acelerar o seu aparecimento, nomeadamente a exposição solar prolongada à radiação ultravioleta, a diabetes, o uso prolongado de corticosteroides, ou traumatismos oculares. Existem também formas congénitas, associadas a causas genéticas, infecciosas ou metabólicas. Apesar de haver cataratas até em crianças, é uma patologia em que a incidência cresce sobretudo com os anos, contudo se há, por exemplo, diabetes ou traumatismos irá aparecer bem mais cedo. De realçar que a partir dos 70 anos de idade, a maioria das pessoas tem cataratas ou até já foram operadas às mesmas. A nível global, esta patologia é responsável por uma grande parte dos casos de cegueira evitável.

O QUE É A CATARATA E COMO EXPLICAR AO DOENTE

Costumo explicar aos doentes de forma simples: o olho funciona como uma câmara fotográfica. Tem duas estruturas que funcionam como lentes: uma das lentes naturais – o cristalino – está localizada atrás da íris, a parte colorida do olho. A catarata corresponde à opacificação progressiva dessa lente. À medida que o cristalino perde transparência, a luz deixa de entrar de forma adequada e a visão torna-se progressivamente turva, como se a pessoa estivesse a olhar através de um vidro embaciado.

Os sintomas mais frequentes incluem visão embaçada, maior dificuldade em ver ao longe ou ao perto, encandeamento com luzes fortes ou contra o sol, halos em torno das luzes – sobretudo à noite – alteração na perceção das cores, que passam a parecer mais amareladas ou desbotadas, e a sensação de necessidade frequente de mudar a graduação dos óculos, por visão insatisfatória para acompanhar legendas ou ver bem placas ao longe na estrada.

@
A catarata é uma das principais causas de diminuição e perda visual em Portugal e no mundo. O principal fator de risco é a idade. Na maioria dos casos, a catarata resulta de um processo natural de envelhecimento do cristalino – a lente natural que temos no interior do olho.
@

QUANDO AVANÇAR PARA CIRURGIA

A principal indicação para cirurgia é funcional: quando a catarata começa a interferir de forma significativa com a qualidade de vida do doente. Se a pessoa deixa de reunir condições para conseguir conduzir com segurança, ler confortavelmente, trabalhar ou reconhecer rostos com facilidade, então está na altura de considerar cirurgia. Existem também indicações refrativas e situações em que a própria catarata pode originar complicações secundárias, incluindo glaucoma.

A técnica mais utilizada atualmente é a facoemulsificação. Através de uma microincisão de cerca de 2 mm, utilizamos ultrassons para fragmentar e aspirar o cristalino opacificado. Em seguida, implantamos uma lente intraocular artificial no mesmo local. Na grande maioria dos casos, trata-se de uma cirurgia rápida, considerada segura em equipas experientes, realizada em ambulatório, sob anestesia tópica (com gotas) e sob apoio de medicação analgésica ou anestésica, se necessário.

TRATAMENTO DISPONÍVEL

Ao contrário de outras doenças, a catarata tem cura – e cura-se através de cirurgia. O único tratamento eficaz para a catarata é cirúrgico. Não existem medicamentos, colírios ou óculos capazes de reverter ou travar a opacificação do cristalino. Felizmente a evolução tecnológica e médica foi fantástica neste campo nas últimas décadas e os resultados são habitualmente muito bons. Naturalmente são necessários estudos pré-operatórios de elevada precisão e no pós-operatório é necessário colocar colírios (gotas) nos primeiros dias e evitar esforços físicos, poeiras e ventos, mas habitualmente é possível usar a visão quase de imediato.

LENTE INTRAOCULARES

A escolha da lente intraocular deve ser individualizada, com base na biometria ocular, estilo de vida, necessidades visuais de cada doente e características de cada olho. Felizmente também nas lentes intra-oculares ocorreram avanços muito significativos, com a possibilidade atual de tratar simultaneamente e na mesma intervenção os erros refrativos importantes. Este processo requer uma avaliação muito cuidadosa e um diálogo do médico com o doente relativamente às necessidades, expectativas e possibilidades.

GLAUCOMA: DEFINIÇÃO, CAUSAS E SINTOMAS

O glaucoma é um grupo de doenças oculares caracterizado por lesão progressiva e irreversível do nervo óptico. É uma das principais causas de cegueira irreversível no mundo. Na maioria dos casos, existe aumento da pressão intraocular, que danifica progressivamente as fibras do nervo óptico (que, do fundo do olho, transportam o sinal elétrico da visão ao cérebro).

No entanto, o glaucoma pode também surgir com pressões consideradas normais. Tem na realidade variadas formas, pode até ser agudo ou desencadeado por determinados medicamentos. O glaucoma é frequentemente chamado de *“ladrão silencioso da visão”*, porque mais vezes evolui durante muito tempo sem dor e sem sintomas evidentes. Tem esse enorme desafio de ter de ser detetado atempadamente pois quando dá sintomas está já numa fase avançada e por vezes irreversível de perda grave da visão que podem ir até à cegueira irreversível.

@
O glaucoma é um grupo de doenças oculares caracterizado por lesão progressiva e irreversível do nervo óptico. É uma das principais causas de cegueira irreversível no mundo.
@

AVANÇOS NO GLAUCOMA

Nos últimos anos, assistimos a avanços muito relevantes no diagnóstico e tratamento do glaucoma. Estes avanços não dispensam uma observação regular da população pelo médico oftalmologista mas permitem um diagnóstico mais precoce com a observação do olho e do fundo ocular complementada com a medição da tensão ocular e diversos exames como os campos visuais ou o OCT – tomografia de coerência ótica, exames não invasivos, rápidos e auxiliares do diagnóstico e seguimento. Técnicas mais recentes com LASER e cirurgias com microdispositivos ajudaram também a lidar com os casos de Glaucoma, que pode igualmente ser muitas vezes tratado com sucesso com gotas diárias.

Apesar destes avanços, a mensagem principal mantém-se: no glaucoma, o que perdemos não recuperamos. Por isso, diagnosticar cedo e acompanhar de perto cada caso continua a ser a melhor forma de preservar visão.

Conteúdo patrocinado pela **Alcon**

©2026 Alcon Inc. Revisto em 07/2026. Alcon Portugal NIPC.501 251 685. PT-CAT-2600003

A **Alcon** tem como objetivo melhorar a vida das pessoas, *reforçar as comunidades e criar valor a longo prazo*, inovando em produtos que melhoram a visão.



BRILLIANT LIVES

Ajudamos as comunidades a aceder a serviços essenciais de cuidados oftalmológicos.



BRILLIANT INNOVATION

O nosso talento mundial permite desenvolver produtos inovadores que fazem a diferença na vida das pessoas.



BRILLIANT PLANET

Cuidamos do nosso planeta, concentrando-nos na redução das emissões e dos resíduos.

Criar um acesso sustentável aos cuidados oftalmológicos através de donativos



Acesso e acessibilidade

Aumentar o acesso a cuidados oftalmológicos de qualidade para doentes carenciados.



Formação e educação

Educação e formação de profissionais da visão.



Compromisso e impactos comunitários

Melhorar as comunidades em que vivemos e trabalhamos.

525 ANOS DO PRIMEIRO HOSPITAL NACIONAL: A HOSPITALIZAÇÃO DOMICILIÁRIA COMO PILAR DA CONTINUIDADE DE CUIDADOS



PEDRO FERRAZ GAMEIRO
Coordenador Nacional da Hospitalização Domiciliária e Médico Especialista em Medicina Física e de Reabilitação

Assinalam-se este ano os 525 anos da criação do primeiro hospital nacional português, marco histórico que simboliza a preocupação secular da sociedade com a prestação de cuidados de saúde organizados, humanizados e acessíveis.

Coincidentemente, a celebração do Dia Mundial do Hospital constitui uma oportunidade privilegiada para refletir sobre a evolução do conceito de hospital e sobre os novos modelos assistenciais que hoje respondem às necessidades de uma população cada vez mais envelhecida e com maior prevalência de doença crónica. Neste contexto, a Hospitalização Domiciliária afirma-se como uma das mais relevantes inovações organizacionais do Serviço Nacional de Saúde. Mais do que uma alternativa ao internamento convencional, representa uma verdadeira mudança de paradigma, aproximando os cuidados hospitalares do ambiente natural do doente, sem comprometer a qualidade, a segurança ou a eficácia clínica. Os ganhos em saúde associados a este modelo encontram-se amplamente demonstrados. Os doentes beneficiam de menor exposição a infeções associadas aos cuidados de saúde, menor risco de declínio funcional, melhor qualidade do sono e maior conforto emocional. A permanência no domicílio permite preservar rotinas, autonomia e vínculos afetivos, fatores reconhecidamente importantes para uma recuperação mais rápida e para melhores resultados clínicos. Também as famílias assumem um papel central neste processo. A proximidade aos profissionais de saúde favorece uma maior literacia em saúde, reforça a capacitação dos cuidadores e promove uma participação mais ativa no plano terapêutico. Esta abordagem contribui para uma relação de confiança e corresponsabilização que beneficia todos os intervenientes.

A Hospitalização Domiciliária constitui, igualmente, um elemento estruturante da continuidade de cuidados, assegurando uma articulação mais eficaz entre os diferentes níveis assistenciais. Ao integrar hospital, cuidados de saúde primários, rede de cuidados continuados e apoio social, promove percursos assistenciais mais fluidos, centrados na pessoa e nas suas necessidades reais.

Ao celebrar a história hospitalar portuguesa e o Dia Mundial do Hospital, importa reconhecer que o hospital do século XXI ultrapassa os limites físicos das suas paredes. Hoje, a excelência dos cuidados mede-se também pela capacidade de chegar ao domicílio, colocando o doente no centro do sistema.

A Hospitalização Domiciliária representa, assim, um dos mais significativos avanços da medicina moderna, afirmando-se como ponto angular da continuidade de cuidados e como expressão maior de uma saúde mais humana, próxima e sustentável.

HOSPITAIS, O QUE SEMPRE FORAM E O QUE JÁ NÃO SÃO



ÓSCAR GASPAR
Presidente da Direção da APHP – Associação Portuguesa da Hospitalização Privada

A Saúde é uma das prioridades de todos nós. Desde sempre. E, quer a nível individual quer em termos de atuação coletiva, fomos preparando-nos ao longo dos tempos para evitar e combater a doença, aliviar a dor e evitar a morte. Neste sentido, os hospitais, enquanto espaço para tratamento e cura, têm uma longa e muito virtuosa história.

Comemoramos agora os 525 anos do primeiro hospital nacional, mas atrevo-me a recordar que na Carta do Couto de Osselôa, datada 1117, D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, estabelece ao fidalgo Gonçalo Eriz a contrapartida de construir, a expensas próprias, um “hospital” para acolher e tratar os peregrinos. Uma PPP muito “*avant la lettre*”, convenhamos, mas que empareceira a preocupação com a saúde com o início da nossa nacionalidade. Entretanto, o mundo deu muitas voltas e felizmente temos hoje uma saúde moderna, com muito conhecimento, bem apetrechada e que permite viver muitos mais anos e com uma qualidade de vida que os nossos avós não imaginavam. Portugal tem um sistema de saúde robusto, e que, apesar de todas as lacunas e fragilidades conhecidas, compara bem com o que melhor se faz lá fora. Temos um sistema misto, com base no SNS, mas com uma componente privada muito significativa e crescente. Os hospitais privados em Portugal são responsáveis anualmente por cerca de 11 milhões de consultas de especialidade, 1,5 milhões de episódios de urgência, 284 mil cirurgias, mais de 16 mil partos etc. E podem fazer mais, em termos de prevenção e saúde pública, continuidade de tratamentos, telemedicina, hospitalização domiciliária, telemedicina, etc. Um dos aspetos de profunda mudança e que a atual revolução digital e a IA vêm reforçar, prende-se com o próprio conceito de hospital.

Um hospital já não é hoje um local (com blocos cirúrgicos e internamento, etc), mas é antes uma plataforma de conhecimento e de saúde, que congrega os recursos e competências para as diferentes necessidades, desde o acompanhamento remoto até à confluência de diversas especialidades e funções.

Esta consciência da realidade e a definição dos corretos objetivos para o futuro do sistema de saúde, leva-nos a ter muita esperança no que será possível melhorar, sabendo que se exige liderança e responsabilidade para as reformas necessária e a adequada utilização de recursos. Os portugueses sabem que, da parte dos hospitais privados, continuamos a investir, a trabalhar para merecer a sua confiança e a manter a disponibilidade para colaborar com todos os intervenientes do sistema de saúde.



525 ANOS DEPOIS DO 1º HOSPITAL: A APDH A HONRAR O PASSADO E A CONSTRUIR O FUTURO

Pela Direção da APDH
– Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Hospitalar

Assinalar os 525 anos do primeiro hospital nacional português é muito mais do que celebrar uma data histórica, é acima de tudo reconhecer um legado que continua a moldar a forma como prestamos cuidados.

Quando o Hospital Real de Todos-os-Santos abriu portas em Lisboa, no final do século XV, Portugal dava um passo notável para o seu tempo. Pela primeira vez, reuniam-se num único espaço estruturas assistenciais dispersas, procurando oferecer uma resposta mais organizada, mais eficiente e mais humana aos doentes. Nascia uma visão que, cinco séculos depois, permanece surpreendentemente atual: colocar a pessoa no centro dos cuidados.

Hoje, os hospitais enfrentam desafios que os seus fundadores dificilmente poderiam imaginar como: o envelhecimento da população; a crescente prevalência das doenças crónicas; a inovação tecnológica digital; a inteligência artificial; as alterações climáticas; a escassez de profissionais e a necessidade de garantir a sustentabilidade dos sistemas de saúde exigem novas respostas e novas formas de pensar o futuro dos cuidados em saúde em Portugal. É neste espírito de permanente evolução que, um pouco por todo o país, surgem projetos inovadores nas áreas da integração de cuidados, da telemonitorização, da hospitalização domiciliária, da sustentabilidade e da melhoria da experiência dos doentes. O Prémio de Boas Práticas em Saúde®, constitui um exemplo desse compromisso da APDH, distinguindo iniciativas que transformam inovação em valor para os doentes. e para o sistema de saúde.

Paralelamente, a APDH tem promovido conferências, programas de formação, intercâmbios internacionais e espaços de reflexão que aproximam Portugal das melhores práticas internacionais em saúde, alicerçando este trabalho na sua participação ativa na European Hospital and Healthcare Federation (hope) e na International Hospital Federation (IHF).

Em 2026, este compromisso concretiza-se na organização do 11.º Congresso Internacional dos Hospitais – Saúde Odisseia 2030: Da aprendizagem contínua à criação de valor, a decorrer nos dias 28, 29 e 30 de outubro, integrando a 19.ª Edição do Prémio de Boas Práticas em Saúde® e o 1.º Encontro Luso-Brasileiro de Gestão Hospitalar, reforçando o papel da APDH como plataforma de partilha de conhecimento, inovação e cooperação internacional.

Celebrar estes 525 anos é prestar homenagem a todos os que construíram esta história. Os hospitais não são apenas edifícios ou equipamentos, são lugares de esperança. São espaços onde a ciência encontra a prática humanista, onde a inovação encontra a ética e onde milhares de profissionais todos dias transformam conhecimento em cuidado.



CELEBRAR O HOSPITAL É TAMBÉM RECONHECER QUEM CHEGA ANTES: O DESAFIO DE VALORIZAR O PRÉ-HOSPITALAR

CARLOS SILVA
Presidente do Conselho da Direção da Sociedade Portuguesa de Emergência Pré-Hospitalar – SPEPH

Hoje, Portugal celebra 525 anos sobre a criação do primeiro hospital nacional, o Hospital Real de Todos os Santos. Ao assinalarmos o Dia Mundial do Hospital, a Sociedade Portuguesa de Emergência Pré-Hospitalar (SPEPH) reconhece o papel fundamental destas instituições, mas traz à reflexão uma lacuna histórica: a necessidade de consolidar o pré-hospitalar como o verdadeiro alicerce e a extensão indissociável da rede hospitalar.

Se, em 1497, o foco era centralizar a assistência, a medicina do século XXI exige a descentralização do cuidado. O pré-hospitalar não é um mero transporte; é a primeira unidade de cuidados médicos de emergência, onde o diagnóstico precoce e a estabilização determinam o prognóstico final.

Contudo, em Portugal, observamos uma evolução hospitalar que, por vezes, deixou a retaguarda pré-hospitalar à margem do reconhecimento e da integração plena que o sistema exige. Portugal ainda não trilhou, na sua totalidade, o caminho de uma verdadeira integração sistémica. Enquanto o hospital evoluiu tecnologicamente, a medicina pré-hospitalar enfrenta, frequentemente, a ausência de programas de educação e treino reconhecidos, carreiras específicas que dignifiquem a complexidade do cuidar “*fora de portas*”.

O pré-hospitalar é a linha da frente, a retaguarda que garante que a chegada ao hospital não seja o início do cuidado, mas a continuidade de uma intervenção iniciada com rigor no terreno. Sem uma valorização da medicina pré-hospitalar, sem protocolos unificados que liguem o terreno ao bloco operativo em tempo real, e sem uma estratégia que veja o pré-hospitalar como um serviço de excelência, o sistema padece de uma fragmentação que coloca em risco a eficiência da resposta nacional.

Neste Dia Mundial do Hospital, a SPEPH clama por uma mudança de paradigma. Não basta celebrar os muros da instituição hospitalar; é imperativo reconhecer que o hospital só é eficaz se o sistema pré-hospitalar for robusto, valorizado e tecnicamente integrado. Precisamos que a retaguarda seja, finalmente, encarada como uma extensão natural do hospital, dotada de autonomia, recursos e respeito profissional equivalente. Os 525 anos de história ensinam-nos que a assistência é um organismo vivo. Honrar o hospital é, hoje, apostar naquilo que o precede. A nossa missão continua a ser salvar vidas no local do infortúnio, garantindo que o paciente não chegue apenas ao hospital, mas que chegue com o tempo e o tratamento prévio que fazem a diferença entre a vida e a morte. A SPEPH reafirma o seu compromisso para que o pré-hospitalar não seja apenas uma via de transporte, mas um pilar estratégico da saúde em Portugal. O futuro da medicina pré-hospitalar depende da nossa capacidade de integrar, finalmente, o pré-hospitalar na linha da frente da modernização, da educação e treino e das competências não só de uns, mas de todos.



TYPE SOLUTION REFORÇA SEGURANÇA E QUALIDADE EM ÁREAS CRÍTICAS DOS HOSPITAIS

A ligação da **Type Solution** à indústria farmacêutica ajudou a construir uma cultura técnica que hoje a empresa transpõe para o universo hospitalar.

O percurso, explicam **RUI ANÃO**, (CEO, fundador e administrador),

ALEXANDRA MENDES

(Coordenadora Comercial, fundadora e administradora)

e **RUI CRUZ**

(Diretor Comercial e administrador da Type Solution SA),

não resultou de uma rutura, mas de uma evolução natural.

Ao longo de praticamente duas décadas, a organização consolidou experiência em controlo de qualidade, controlo em processo, ambientes GMP, validação de equipamentos, monitorização ambiental e sistemas de contenção. Essa bagagem passou a ganhar outra relevância quando os hospitais começaram a enfrentar exigências muito próximas das de uma unidade farmacêutica: garantir esterilidade, assegurar rastreabilidade, controlar a contaminação e proteger profissionais que lidam diariamente com medicamentos e substâncias de risco. Há cerca de oito anos, a empresa decidiu reforçar a sua presença no setor hospitalar, colocando esse conhecimento à disposição de farmácias hospitalares, serviços de medicina nuclear e laboratórios de patologia clínica. A mudança, sublinham os responsáveis, não se esgota no fornecimento de equipamentos. A proposta passa por acompanhar os hospitais desde a fase de conceção dos projetos, ajudando a transformar requisitos técnicos e regulamentares em soluções funcionais, sustentáveis e adequadas à realidade de cada instituição.

Para **Rui Cruz**, este é um ponto decisivo. *“A segurança de um medicamento preparado em ambiente hospitalar não depende apenas da tecnologia instalada; depende da forma como todo o ecossistema é pensado, desde os fluxos até à formação das equipas”*, afirma o Diretor Comercial. A frase sintetiza uma visão que procura deslocar o debate do equipamento isolado para uma lógica integrada de qualidade. Nas áreas de preparação asséptica, por exemplo, a proteção do medicamento e do operador que o manipula requer ambientes controlados, procedimentos rigorosos, sistemas de contenção e descontaminação microbiológica, monitorização ambiental e processos de validação capazes de garantir consistência na contenção de riscos.



Por isso, os desafios são hoje mais complexos do que no passado. A evolução terapêutica trouxe medicamentos mais sofisticados, incluindo citotóxicos, terapias avançadas, radiofármacos e preparações destinadas a doentes particularmente vulneráveis, como pessoas oncológicas, imunodeprimidas ou em estado clínico fragilizado. Nestes contextos, qualquer contaminação microbiológica pode ter consequências graves. Em paralelo, cresce a preocupação com a segurança ocupacional. Farmacêuticos, técnicos de farmácia, técnicos de medicina nuclear e outros profissionais estão expostos a riscos que exigem respostas concretas, sobretudo quando manipulam substâncias perigosas de forma repetida.

É neste cruzamento entre qualidade do medicamento e proteção das equipas que a Type Solution posiciona a sua intervenção. Nas farmácias hospitalares, a empresa trabalha na definição de áreas de preparação asséptica, no desenho de fluxos de pessoas, produto e materiais, na integração de sistemas de monitorização ambiental e na escolha de tecnologias de contenção. Entre as soluções em destaque estão os isoladores asséticos/contenção, apresentados como uma das respostas mais avançadas para proteger simultaneamente produto e operador. Quando integrados em ambientes desenhados de raiz, permitem reduzir o risco de contaminação e elevar os níveis de segurança.

@
Mais do que fornecer tecnologia, a **Type Solution** quer ajudar a criar ambientes onde a qualidade do medicamento e a segurança dos profissionais avancem lado a lado.
@

A automação é outra frente de evolução. Sistemas automatizados para preparação de nutrição parentérica e medicamentos citotóxicos permitem aumentar a precisão, diminuir o erro humano e reforçar a rastreabilidade. Já os sistemas fechados de transferência de medicamentos, conhecidos como CSTD (*Closed System Transfer Device*), ajudam a conter aerossóis e vapores potencialmente perigosos durante a manipulação de citotóxicos. A estes recursos juntam-se soluções de limpeza, descontaminação e monitorização, num conjunto que procura responder a um objetivo simples: fazer chegar ao doente um medicamento seguro e permitir que os profissionais trabalhem em melhores condições.

Já a medicina nuclear é um desafio que adquire uma dupla natureza. Os radiofármacos têm de cumprir requisitos farmacêuticos de qualidade e esterilidade, mas a sua preparação obriga também a gerir a exposição radiológica. A abordagem passa, por isso, por soluções que combinem salas limpas, isoladores com blindagem, sistemas de preparação e manipulação de radiofármacos, monitorização e descontaminação. A oferta estende-se ainda à administração ao doente, com sistemas automáticos usados em diagnóstico, como PET e SPECT, e em aplicações terapêuticas, área que tem vindo a ganhar expressão.

Alexandra Mendes, considera que esta conjugação será cada vez mais determinante. *“O futuro da medicina nuclear passa por combinar automação, contenção e segurança, reduzindo a exposição dos profissionais sem comprometer a precisão dos procedimentos”*, defende a administradora da Type Solution. A perspetiva traduz uma tendência que atravessa várias áreas hospitalares: quanto maior a complexidade clínica, maior a necessidade de processos robustos, padronizados e monitorizados. A Administradora admite também, que os laboratórios de patologia clínica entram nesta equação. *“A pandemia evidenciou a importância estratégica destes serviços e a necessidade de garantir níveis elevados de biossegurança. Trabalhar com amostras biológicas potencialmente perigosas implica proteger operadores, preservar a integridade das amostras e assegurar a fiabilidade dos resultados. A Type Solution intervém desde a fase de projeto, apoiando a definição de requisitos técnicos, fluxos operacionais, climatização/ventilação, níveis de contenção, câmaras de segurança biológica, equipamentos de microbiologia, biologia molecular e diagnóstico especializado, além de soluções de descontaminação e gestão do risco biológico.”*

No domínio das terapias avançadas/personalizadas, a Type Solution tem também experiência na conceção de zonas dedicadas à terapia celular e génica, aplicando o conhecimento acumulado em ambientes GMP e aplicações de biologia celular/molecular. A abordagem passa pela análise de risco e definição dos fluxos de pessoas, materiais, produto e resíduos, garantindo a segregação adequada das áreas e a prevenção da contaminação cruzada através da implementação de soluções integradas. O enquadramento regulamentar é, talvez, uma das áreas onde a empresa vê maior oportunidade de acrescentar valor. Entre preparação de medicamentos estéreis, manipulação de medicamentos perigosos, proteção radiológica, biossegurança e controlo ambiental, os hospitais enfrentam normas exigentes e nem sempre fáceis de traduzir em prática. *“Neste sentido a Type Solution assume-se, por isso, como parceiro técnico, participando no planeamento, na seleção tecnológica, na definição de processos, na qualificação de equipamentos e na validação de métodos.”* Conclui **Rui Anão**.

A mensagem que **Rui Anão** deixa à comunidade hospitalar portuguesa é clara: a segurança deve ser vista como investimento, não como mero ónus regulamentar. Num tempo em que as terapêuticas se tornam mais exigentes e os hospitais operam sob pressão crescente, o conhecimento técnico, a engenharia, a automação e as boas práticas podem elevar a qualidade dos cuidados e a proteção das equipas. Mais do que fornecer tecnologia, a Type Solution quer ajudar a criar ambientes onde a qualidade do medicamento e a segurança dos profissionais avancem lado a lado, com um propósito comum: garantir que cada preparação é segura para o doente e que cada profissional trabalha nas melhores condições possíveis. Uma ambição técnica e humana, aplicada diariamente.



COPS: PROXIMIDADE, RIGOR E COMPROMISSO HUMANO



Miguel Ferreira, CEO da COPS (à esquerda da imagem).

MIGUEL FERREIRA

CEO da COPS,

partilha a visão da empresa sobre os desafios atuais do setor, a importância da proximidade com clientes e parceiros, a valorização das equipas e o compromisso permanente com soluções ajustadas, rigorosas e humanas.

Como descreve hoje a COPS: qual é a sua missão, que serviços presta e que necessidades procura responder no mercado português?

A COPS tem como missão delinear as melhores soluções de segurança para os seus clientes, fazendo da sua segurança a prioridade de toda a organização.

Rege-se por valores como o rigor, a perspicácia, a conduta, a ética, a doutrina e a integridade, elegendo o trabalho organizado e em equipa, focado no cliente, como meio para concretizar a sua ambição.

Ao longo dos anos, temos vindo a consolidar a nossa presença em diversos setores de atividade, prestando serviços de vigilância humana, segurança especializada, controlo de acessos e outros serviços de suporte operacional. Procuramos responder às necessidades específicas de cada cliente através de soluções ajustadas, com elevados padrões de profissionalismo e rigor, sem nunca esquecer a proximidade que fazemos questão de ressaltar junto dos nossos parceiros e clientes.

Mais do que prestar um serviço, procuramos estabelecer relações de confiança duradouras, assumindo-nos como um parceiro estratégico no funcionamento diário das instituições que servimos.

Num setor cada vez mais competitivo, qual é o principal fator diferenciador da COPS face a outras empresas da área da segurança e prestação de serviços especializados?

O principal diferenciador da COPS é a sua capacidade de adaptação e a proximidade que estabelece com os seus clientes. Operamos num mercado altamente competitivo e em constante transformação, o que nos levou, ao longo de todo o nosso percurso, a desenvolver uma cultura assente na resiliência, na inovação e na melhoria contínua.

Acreditamos que a qualidade do serviço depende, essencialmente, das pessoas. Por isso, investimos na seleção, no acompanhamento e na valorização dos nossos profissionais.

Reconhecemos a importância da formação, mas acreditamos que um bom profissional vai muito além do percurso académico. Para a COPS, os valores intrínsecos, a ética, a conduta e o sentido de responsabilidade são tão ou mais importantes do que a formação de base. Além disso, procuramos compreender profundamente as necessidades de cada cliente, apresentando soluções flexíveis e personalizadas, e assegurando equipas preparadas para responder a diferentes desafios e contextos.



Pretendemos reforçar a nossa presença em setores estratégicos, investir em novas metodologias de gestão operacional e aprofundar a integração entre serviços de segurança e as soluções tecnológicas disponíveis atualmente no mercado.



Que leitura faz da evolução do mercado nos últimos anos e onde vê maiores oportunidades de crescimento para a empresa?

O setor da segurança privada tem registado uma evolução significativa nos últimos anos, impulsionada pelo aumento das exigências regulatórias, pelo crescimento do número de empresas do setor, pela crescente preocupação com a segurança e pela necessidade de soluções cada vez mais especializadas. Paralelamente, verificamos uma maior valorização dos serviços que combinam segurança, tecnologia e apoio operacional, permitindo aos clientes uma gestão mais eficiente dos seus recursos. Acreditamos que as maiores oportunidades de crescimento se encontram precisamente na especialização dos serviços, na integração de soluções tecnológicas e na expansão para áreas onde a componente humana continua a ser determinante, como a saúde, a saúde mental, os serviços públicos, as infraestruturas críticas e os grandes equipamentos coletivos.

A ideia de baixar preços para ganhar mercado é uma ideia errada, e refiro-me a isso porque sei que, mais cedo ou mais tarde, as empresas acabam por perceber que o valor praticado não chega para pagar salários e cumprir com as obrigações perante a Segurança Social, refletindo-se depois em dificuldades financeiras. O mercado está num cenário muito complexo, com algumas empresas que procuram ganhar mercado à força e que se apresentam a concursos públicos com valores tão baixos que nem conseguem suportar as despesas diretas, como salários e Segurança Social. Depois, acaba por surgir o dumping social, em que quem paga essa fatura são os vigilantes, que acabam por não receber, mensalmente, aquilo que lhes é devido. Tudo isto representa concorrência desleal, em que as empresas que seguem esta prática conseguem vender serviços a preços abaixo do custo real.

Quais são os principais desafios na realização de serviços de segurança em instituições de saúde?

As instituições de saúde apresentam desafios particulares, uma vez que são ambientes onde coexistem elevados níveis de exigência operacional e emocional, bem como um grande fluxo de pessoas.

Os profissionais de segurança são constantemente chamados a intervir em situações de tensão e conflito, sendo, por isso, necessário que estejam preparados para orientar tanto os utentes como os visitantes no cumprimento dos procedimentos, sem comprometer a humanização do atendimento. O grande desafio passa por equilibrar a componente de segurança com a sensibilidade necessária para lidar com pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade, seja física ou emocional.

A COPS presta serviços em hospitais e instituições de saúde, ambientes particularmente sensíveis. Que exigências específicas existem nestes contextos e como é que a empresa se prepara para lhes responder?

Tal como abordado anteriormente, os ambientes hospitalares exigem profissionais tecnicamente preparados, mas também dotados de competências comportamentais muito específicas. Aqui, é fundamental saber comunicar eficazmente, gerir situações de conflito e atuar sob stress, sem nunca perder a capacidade empática perante o outro. É igualmente importante compreender que ânimos mais exaltados, neste contexto, podem significar um sofrimento profundo e que, por esse mesmo motivo, é necessário conter, mas sempre com respeito e transmitindo segurança. Na COPS, a preparação destes profissionais começa ainda na fase de recrutamento e prolonga-se através da formação contínua, da sensibilização em saúde mental e do acompanhamento operacional permanente. Procuramos garantir que as nossas equipas compreendem a missão de cada instituição, fazendo-as sentir parte integrante da mesma e conscientes de que são, em muitos casos, a linha da frente.

Que aposta a COPS faz na formação dos profissionais destacados para a área da saúde?

A formação é uma das prioridades estratégicas. Considerando que, nos contextos de saúde, as competências humanas são tão ou mais importantes que as competências técnicas. Por isso, promovemos ações de formação orientadas para a comunicação interpessoal, gestão de conflitos, sensibilização em saúde mental e princípios de humanização no relacionamento com o outro. O nosso objetivo é garantir que cada profissional representa não apenas a COPS, mas também os valores dos clientes onde presta serviço, contribuindo para um ambiente mais seguro, mais acolhedor e mais eficiente para todos.

Que novos projetos a COPS tem em perspectiva para o futuro próximo, e de que forma esses planos reforçam o posicionamento da empresa?

O futuro da COPS, passa pela consolidação do crescimento sustentado e pela contínua aposta na inovação, qualificação de equipas e diversificação dos serviços. Pretendemos reforçar a nossa presença em setores estratégicos, investir em novas metodologias de gestão operacional e aprofundar a integração entre serviços de segurança e as soluções tecnológicas disponíveis atualmente no mercado. Ao mesmo tempo, continuamos focados na valorização dos nossos recursos humanos, porque acreditamos visceralmente, que são as pessoas que fazem a diferença e que constituem o principal ativo da empresa. Não esquecendo, que uma das áreas de desenvolvimento que pretendemos apostar no futuro próximo, é a atividade enquadrada pelo alvará B, através da criação de uma carteira de clientes sólida para serviços de proteção e acompanhamento de pessoal (VPAP). Esta área exige elevados níveis de profissionalismo, disciplina e preparação técnica, onde a confiança do cliente é absolutamente fundamental. A nossa abordagem assenta num acompanhamento rigoroso, baseado em princípios de confidencialidade, de prevenção e de avaliação permanente do risco. Procuramos garantir, não apenas a segurança física dos clientes, mas também a sua tranquilidade e liberdade de atuação no quotidiano. Acreditamos que este é um segmento com potencial crescimento.

Ao longo da nossa história enfrentámos desafios e momentos menos favoráveis, como acontece em qualquer organização. O que nos distingue é a capacidade de nos reinventarmos, ajustarmos processos, reforçarmos competências e sairmos mais fortes dessas fases, mantendo sempre a confiança dos nossos clientes, a solidez das nossas equipas e a estabilidade da empresa.

Costumo dizer que a COPS é uma família, porque verdadeiramente o sinto desta forma e por isso procuro agir de encontro a esta minha crença, mais certo ou errado, a COPS é casa!!!



UNIVERSIDADE POLITÉCNICA DE PORTALEGRE: UMA MUDANÇA DE OLHOS POSTOS NO FUTURO



A mudança do Instituto Politécnico de Portalegre para Universidade Politécnica marca uma nova etapa na sua evolução institucional. Este processo reflete o reforço da qualidade, da investigação e da internacionalização da instituição. A mudança acompanha as exigências atuais do ensino superior e o reconhecimento do percurso desenvolvido.

LUÍS LOURES

Presidente do Politécnico de Portalegre, aborda este novo ciclo e o futuro da instituição.

Relativamente a esta mudança, nomeadamente a transição para a designação de Universidade Politécnica de Portalegre, quais são as principais mudanças e inovações associadas a este processo?

Esta mudança acontece na sequência de uma alteração legislativa que permitirá às instituições que reúnem determinados requisitos evoluir para a designação de Universidade Politécnica.

O Politécnico de Portalegre cumpre os requisitos necessários, quer ao nível da qualidade, quer da capacidade científica, da internacionalização e da sua afirmação enquanto instituição de ensino superior, estando preparado para assumir essa nova etapa. Estamos, por isso, a preparar esta mudança “com os olhos postos no futuro”, mas sempre assente na continuidade do trabalho que temos vindo a desenvolver. Não se trata apenas de uma alteração de designação; trata-se do reconhecimento de um percurso construído ao longo dos anos e da capacidade instalada da instituição. Esta evolução tem por base três dimensões fundamentais: a primeira está relacionada com o ensino e com a qualidade.

O Politécnico viu reconhecido o seu sistema interno de garantia da qualidade e a sua avaliação institucional com a acreditação máxima atribuída pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES), o que demonstra um compromisso permanente com a excelência académica e com a melhoria contínua.

Esta alteração para Universidade Politécnica representa, assim, o reconhecimento de uma realidade que já existe: uma instituição com qualidade de ensino, capacidade de inovação e uma forte aposta na investigação. E isso comprova-se pelo percurso ao longo dos últimos anos, temos vindo a consolidar uma cultura científica baseada em projetos de investigação aplicada, permitindo que os nossos estudantes tenham uma formação que combina uma sólida componente teórica e prática com a participação em projetos concretos de investigação e desenvolvimento.

Esta ligação entre ensino e investigação é essencial para preparar profissionais mais qualificados, com competências diferenciadoras e capacidade para responder aos desafios atuais da sociedade e do mercado de trabalho.

O crescimento do Politécnico de Portalegre tem sido igualmente evidente ao nível do número de estudantes, dos projetos desenvolvidos, da ligação às empresas e da criação de novas iniciativas empreendedoras. Temos assistido ao surgimento de startups e spin-offs promovidas por estudantes e diplomados da instituição, muitas delas apoiadas através das nossas estruturas de incubação de base tecnológica, cultural e criativa.

Por isso, esta alteração para Universidade Politécnica de Portalegre representa uma nova etapa de afirmação institucional, mas sobretudo uma oportunidade para reforçar aquilo que já fazemos bem e continuar a construir uma instituição cada vez mais inovadora, competitiva e preparada para o futuro.

Para além dos indicadores de empregabilidade e da qualidade reconhecida na formação, de que forma o Politécnico de Portalegre desenvolve um conjunto diversificado de programas de apoio, integração e valorização dos estudantes ao longo do seu percurso académico?

É verdade que temos tido uma resposta muito positiva do mercado de trabalho, como demonstram os mais recentes estudos sobre a empregabilidade dos nossos diplomados, onde o Politécnico de Portalegre surge numa posição de destaque. Isso reforça a atratividade da instituição, porque os estudantes sabem que, ao concluir aqui a sua formação, entram no mercado com uma vantagem competitiva face à média de outros diplomados do país. Esse é um fator decisivo de atração.

Para além disso, temos vindo a desenvolver um conjunto muito significativo de incentivos e serviços complementares dirigidos aos estudantes, que vão muito além da componente académica, incluindo atividades desportivas, culturais, recreativas e sociais, bem como mecanismos de valorização do mérito e de atração de talento. Desde logo, existe um forte eixo de acolhimento e integração. Temos o gabinete para a promoção da vida académica e bem-estar que, logo após a matrícula, acompanha o aluno, nomeadamente no apoio à procura de alojamento, seja nas residências da instituição – onde temos um número muito significativo de camas, sendo uma das instituições com maior capacidade a nível nacional – seja no exterior, conforme a opção do estudante.

@
Ao nível dos incentivos, destacam-se as bolsas de mérito, através das quais os melhores estudantes podem beneficiar de uma bolsa equivalente ao valor das propinas e, em muitos casos, de alojamento gratuito nas residências da instituição.

Em paralelo, ao nível do apoio direto aos estudantes, existem dois programas muito específicos: o programa de tutoria, assegurado por docentes que acompanham os estudantes numa fase inicial de transição e adaptação, e o programa de mentoria, em que estudantes dos anos mais avançados apoiam os novos alunos na integração na vida académica e na cidade.

Além disso, existem serviços de apoio psicossocial e um conjunto de profissionais dedicados a estas áreas, incluindo questões relacionadas com a saúde mental e o bem-estar dos estudantes, integrados num sistema mais amplo de acompanhamento.

Ao nível dos incentivos, destacam-se as bolsas de mérito, através das quais os melhores estudantes podem beneficiar de uma bolsa equivalente ao valor das propinas e, em muitos casos, de alojamento gratuito nas residências da instituição. Isto permite criar condições reais para que o talento possa estudar com estabilidade e foco. A isto junta-se a lógica de valorização do talento, seja da região ou de fora dela, através de condições diferenciadas de acesso e apoio.

Paralelamente, existe o programa “28x28”, que ao longo das 28 semanas letivas promove atividades semanais culturais, desportivas e recreativas, como torneios, festivais, visitas culturais ou experiências em contexto natural e urbano, incluindo deslocações nacionais e internacionais. Existem ainda bolsas específicas para estudantes atletas, promovendo a conciliação entre percurso académico e prática desportiva federada. No fundo, o modelo assenta em três pilares fundamentais: ensino de qualidade, valorização do mérito e uma experiência académica integrada, que ultrapassa o espaço da sala de aula. Este equilíbrio reflete-se na elevada taxa de empregabilidade e no facto de muitos estudantes iniciarem atividade profissional ainda antes de concluírem o curso.

@
A ligação ao território é uma das nossas maiores responsabilidades. No Alto Alentejo, o Politécnico tem um papel relevante no desenvolvimento económico, social e cultural da região.

Qual é o papel do Politécnico de Portalegre no desenvolvimento da região e na construção do seu futuro enquanto Universidade Politécnica?

A ligação ao território é uma das nossas maiores responsabilidades. No Alto Alentejo, o Politécnico tem um papel relevante no desenvolvimento económico, social e cultural da região, contribuindo para a criação de oportunidades, a promoção do conhecimento e a fixação de talento.

Esta alteração permitirá reforçar esta missão, mantendo a identidade que sempre nos distinguiu. Continuaremos a apostar num ensino aplicado, próximo das empresas, conciliando uma sólida formação teórica com uma forte componente prática. Este compromisso é reconhecido pela integração na Aliança Europeia EU4Dual, dedicada à promoção da formação dual, um modelo que articula o ensino com a aprendizagem em contexto de trabalho, prepara os estudantes para responder aos desafios do futuro e que conta como parceiros, empresas multinacionais como a Mercedes, BMW e a SAP.



A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO CRÍTICA



CARLOS AZEVEDO
Investigador no CIPES – Centro de
Investigação de Políticas do Ensino Superior

A universidade é uma instituição crítica ou não é nada. – Stuart Hall

Quando fui convidado para escrever este artigo, foi-me indicado que seria interessante escrever sobre o estudante e a comunidade académica no centro do processo educativo, valorizando a empatia, a ética e o bem-estar face a um ensino muitas vezes focado apenas na técnica. Isto toca em algo que considero essencial e que, no que toca à missão das universidades, tem vindo a ser posto em causa, sobretudo pelo excessivo enfoque na universidade enquanto instituição cujo papel principal é preparar os estudantes para o mercado de trabalho, bem como nos estudantes reduzidos a recipientes passivos de conteúdos (e, em alguns sistemas de ensino superior altamente mercantilizados, a consumidores). Há alguns anos, em Inglaterra, entrevistei estudantes universitários de licenciatura durante um período de greves levadas a cabo pelos docentes e investigadores. Perguntei-lhes o que pensavam sobre as greves. O meu principal interesse era compreender como percecionavam a sua construção enquanto ‘consumidores’ do ensino superior. Naturalmente, a maioria referiu que sentia estar a pagar propinas elevadas sem receber aquilo por que estava a pagar (na altura, todos os estudantes ingleses pagavam aproximadamente £9250/ano). Contudo, e de forma algo surpreendente (pelo menos para mim, na altura), muitos demonstraram não só compreender a situação dos académicos, como também se juntaram a eles nos piquetes de greve. Além disso, referiram que, durante esse período, adquiriram uma compreensão mais abrangente do ensino superior graças à sua participação nas sessões de debate e aprendizagem (*teach-ins*) promovidas pelos académicos em greve.

@
As universidades podem, e devem, ser um espaço de reflexão crítica e de desenvolvimento intelectual, cívico e ético, onde a empatia e a solidariedade desempenhem um papel que é cada vez mais importante num mundo em constante sobressalto.
@

Para muitos, foi a primeira vez que tiveram oportunidade de discutir a mercantilização do ensino superior e as suas consequências tanto para os docentes como para os estudantes, o que abriu um espaço para a solidariedade. O que me fez refletir sobre a importância das universidades como espaços que favoreçam uma genuína transferência de conhecimento. Esta importância vai muito além do ensino superior entendido meramente como um espaço onde os estudantes adquirem conhecimentos que lhes serão úteis para o seu futuro no mercado de trabalho.

As universidades podem, e devem, ser um espaço de reflexão crítica e de desenvolvimento intelectual, cívico e ético, onde a empatia e a solidariedade desempenhem um papel que é cada vez mais importante num mundo em constante sobressalto.

UM ENSINO CONDENADO À INÉRCIA



JOSÉ MACHADO
Presidente da Associação Académica de Coimbra

Não nos conformamos, ansiando que a recém apresentada Reforma da Ação Social traga respostas.

A Revolução de Abril trouxe junto com ela um acesso generalizado ao Ensino Superior, durante décadas refém de estratos muito particulares da sociedade portuguesa. Outrora, a democratização do ensino parecia anunciar o estabelecimento de um novo (e principal) elevador social - era, em certa medida a par com o recém-criado Serviço Nacional de Saúde, o expoente máximo do novo Estado Social.

Passados 50 anos, a dicotomia entre o passado e o presente é inegável. Embora os principais desafios afetos ao Ensino Superior se correlacionem com questões estruturais do nosso país, observamos uma série de particularidades que são, no mínimo, alarmantes.

De certo modo, torna-se até difícil selecionar a problemática central a analisar. No entanto, cinco anos de causa associativa levam-me, inevitavelmente, a enunciar a crise no alojamento estudantil, arriscando-me a afirmar que é, neste momento, a principal barreira ao acesso, frequência e conclusão do Ensino Superior. Embora a gratuidade de Abril tenha ficado pelo caminho e a extinção da propina seja hoje uma das principais bandeiras do Movimento Associativo Estudantil, os custos e a escassez associada à habitação torna incomportável, para milhares de famílias portuguesas, colocarem os filhos a estudar.

A insuficiência de camas disponibilizadas pelos Serviços de Ação Social das Instituições aliada à especulação imobiliária e ao arrendamento informal tornaram-se já condicionantes normalizadas no nosso ambiente.

@
Embora a gratuidade de Abril tenha ficado pelo caminho e a extinção da propina seja hoje uma das principais bandeiras do Movimento Associativo Estudantil, os custos e a escassez associada à habitação torna incomportável, para milhares de famílias portuguesas, colocarem os filhos a estudar
@

No entanto, os problemas vão bem para além do alojamento. As alarmantes insuficiências de cuidados de saúde mental, planos de estudos e modelos de ensino e avaliação desajustados e obsoletos, a dificuldade em transitar para o Mercado de Trabalho ou em construir percursos académicos verdadeiramente interdimensionais e capacitantes, tornam hoje, o Ensino Superior, numa mera miragem.

Resta muito por solucionar. No entanto, importa realçar que atravessamos um momento fundamental. Da revisão do «RJIES» ao «RABEES», passando pela reestruturação da Lei dos Graus e Diplomas, este é o ponto fulcral para construir soluções eficazes e participadas.



PEDAGOGIA XXI: INOVAR A EDUCAÇÃO SUPERIOR COM FOCO NAS PESSOAS



A Universidade Lusíada assume a liderança do **projeto Pedagogia XXI**, uma iniciativa que reúne instituições privadas de ensino superior em torno da inovação pedagógica.

JOANA CRUZ

professora universitária e coordenadora do projeto.

explica como esta estratégia procura responder aos novos perfis dos estudantes, reforçar a capacitação docente e construir ambientes de aprendizagem flexíveis, inclusivos, colaborativos e centrados nos/as estudantes.

A Universidade Lusíada assume a coordenação do projeto Pedagogia XXI. Quais são os principais objetivos desta iniciativa, quem compõe o consórcio e que visão pedagógica pretende afirmar no contexto do ensino superior?

A Universidade Lusíada é a entidade promotora e líder do consórcio Pedagogia XXI, que resulta do programa de Investimento Impulso Mais Digital e conta com o apoio financeiro do Plano de Recuperação e Resiliência, sob a gestão da Estrutura de Missão Recuperar Portugal e do Instituto para o Ensino Superior resulta da criação de um consórcio inovador que reúne 25 Instituições privadas de Ensino Superior que, com a publicação em Diário da República (Aviso N.º 27864/2024/2), se consubstanciou no Centro para a Excelência e Inovação Pedagógica – Pedagogia XXI. Este Centro para a Excelência tem por missão promover a colaboração entre IES privadas, no sentido de melhorar práticas pedagógicas inovadoras, cultivar sinergias entre as IES e disseminar práticas bem-sucedidas e abordagens transformadoras, sublinhando o compromisso com a inclusão, a justiça social e os ambientes de aprendizagem centrados nos/as estudantes. Com uma amplitude multi e interdisciplinar, o consórcio preconiza a inovação pedagógica centrada nas pessoas, na qualidade das aprendizagens e na transformação das práticas, alicerçada em processos coletivos e holísticos, que vão além da tecnologia e que valorizam o bem-estar, a inclusão e o sucesso educacional.



@

O Pedagogia XXI procura alinhar-se com uma sociedade que exige competências críticas, colaborativas, humanistas, digitais e de aprendizagem ao longo da vida. Esta realidade tem implicado a renovação de práticas pedagógicas, a diversificação de estratégias de avaliação e o reforço da participação ativa dos/as estudantes e da sua experiência académica.

@

De que forma o Pedagogia XXI procura responder aos novos perfis dos estudantes e às exigências da sociedade contemporânea?

A realidade atual da educação superior em geral, e das instituições privadas em particular, é caracterizada pela heterogeneidade de estudantes e pela riqueza da diversidade, nas suas mais diversas características. Neste sentido, o CEIP-Pedagogia XXI procura responder a estudantes com percursos, ritmos e necessidades distintas, valorizando a inovação pedagógica ao serviço da criação de ambientes de aprendizagem centrados nos/as estudantes e orientada para o desenvolvimento integral da comunidade académica, incluindo dimensões cognitivas, emocionais, sociais e físicas. O Pedagogia XXI procura alinhar-se com uma sociedade que exige competências críticas, colaborativas, humanistas, digitais e de aprendizagem ao longo da vida. Esta realidade tem implicado a renovação de práticas pedagógicas, a diversificação de estratégias de avaliação e o reforço da participação ativa dos/as estudantes e da sua experiência académica.

Que papel desempenham a inovação pedagógica, a capacitação docente e a integração de ferramentas digitais na concretização deste projeto?

A resposta às exigências contemporâneas não pode reduzir-se à tecnologia. É, sobretudo, pedagógica e relacional. A inovação pedagógica é o eixo central do Centro, um meio essencial para a melhoria da educação superior. O objetivo não é apenas introduzir novas ferramentas, mas transformar práticas de ensino e de aprendizagem de forma significativa e sustentável. Neste sentido, a capacitação docente é decisiva porque permite que os/as docentes desenvolvam competências para planear, implementar e avaliar novas abordagens pedagógicas, embora consideremos que deve estar integrada em planos concretos de desenvolvimento profissional docente.

Sem esta estratégia, a inovação pedagógica tende a ficar fragmentada ou dependente de iniciativas individuais e pontuais. As ferramentas digitais são conceptualizadas no Pedagogia XXI como recursos para ampliar a qualidade e o alcance da experiência académica, mas sempre subordinadas a objetivos pedagógicos claros, implicando mais interação, colaboração, acessibilidade e personalização.

Em que consiste o CNIPES e qual tem sido a sua importância na modernização dos serviços digitais e no acesso à conectividade nas Universidade Lusíada?

O CNIPES é o Conselho Nacional para a Inovação Pedagógica no Ensino Superior e reúne consórcios, representantes da academia, públicos e privados, e dos/as estudantes, bem como conselheiros nacionais e internacionais, dos quais dois são representantes do CEIP Pedagogia XXI. O Conselho contribui para promover a inovação pedagógica como dimensão central da educação superior através de aconselhamento à tutela e a entidades do sistema nacional. Para o Pedagogia XXI e para a Universidade Lusíada, o CNIPES é um organismo importante porque enquadra e legitima a aposta institucional na transformação pedagógica e contribui para uma cultura de inovação, colaboração e maior integração entre políticas e práticas.

@

CNIPES: Conselho contribui para promover a inovação pedagógica como dimensão central da educação superior através de aconselhamento à tutela e a entidades do sistema nacional.

@

Quais são as principais vantagens desta interoperabilidade e que benefícios concretos traz para seus utilizadores?

A interoperabilidade traz agilidade, integração, confiança e eficiência. Em vez de sistemas isolados, permite que a coconstrução de ambientes institucionais flexíveis, apoiantes e apoiados e orientados para a comunidade académica. Permite, simultaneamente, movimentos de *bottom-up* e *top-down*, proporcionando agência das IES, voz aos/as estudantes e suporte para os desafios atuais. Para os/as estudantes, tem permitido a resignificação da experiência académica, o foco no desenvolvimento holístico e na conceção do sucesso como um processo multidimensional. Para os/as docentes e investigadores/as, facilita a gestão pedagógica, a construção de *guidelines* sobre desenvolvimento profissional, a comunicação interinstitucional e a discussão e partilha sobre a paridade de estima entre docência e investigação.

Para os profissionais do chamado “terceiro espaço”, dignifica a sua ação e a articulação entre serviços. A ligação do CNIPES com os Centros para a Excelência e com as Universidades tem vindo a transformar a realidade académica num meio mais aberto e plural e a fomentar a partilha entre a academia e a tomada de decisões baseada em evidências.

Olhando para o futuro, como se articulam projetos como o Pedagogia XXI e o CNIPES na construção de uma universidade mais digital, colaborativa e preparada para os desafios da próxima geração de ensino e de estudantes?

Pedagogia XXI e CNIPES articulam-se como duas dimensões complementares da mesma transformação: inovação pedagógica ao serviço do sucesso educacional. Juntos, favorecem uma experiência académica mais humana, colaborativa e centrada no bem-estar, inclusão e sucesso dos/as estudantes. Para o futuro, esta convergência é estratégica porque permite construir contextos académicos capazes de se adaptarem e responderem a novos públicos, novas exigências sociais e novas formas de aprender.



CNIPES



Pedagogia XXI - Lusíada.



AS “OPÇÕES” DOS ESTUDANTES NO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR



DANIEL DUARTE DE CARVALHO
Secretário-geral do EDULOG
| Fundação Belmiro de Azevedo

Em período de realização de exames nacionais de conclusão do ensino secundário, jovens e famílias começam a antecipar setembro: uma desejável entrada no ensino superior, uma possível deslocação de casa, uma previsível dificuldade no orçamento familiar.

Em 2025, fomos surpreendidos pela circunstância de, pela primeira vez em dez anos, o número de candidatos ao longo das três fases do Concurso Nacional de Acesso ter ficado abaixo do número de vagas disponibilizadas. A causa não será única, como aponta o *Balanço Anual da Educação 2026*, o relatório do EDULOG produzido por Carla Sá, Hugo Figueiredo, Isabel Flores, Miguel Araújo, Orlanda Tavares e Pedro Luís Silva. Portugal tem vindo a conhecer uma redução da sua base demográfica, pelo menos no universo potencial de recrutamento dos que concorrem ao ensino superior. Sabemos também que, no período pós-pandemia, a conclusão do ensino secundário voltou a depender de exames nacionais, o que fez recuar a sua taxa de conclusão. Mas o que o relatório também demonstra é que uma parte substancial da redução do número de candidatos ocorreu na passagem entre a conclusão do secundário e a decisão de concorrer ao superior. Isto significa que uma parte importante da quebra de candidatos não resultou apenas de haver menos jovens ou menos diplomados do secundário, mas de haver mais estudantes que, podendo aceder ao ensino superior, não o fizeram. O relatório identifica muitos desequilíbrios, mas um tema em particular chamou-me a atenção: muitos alunos “optaram” (aspas minhas) pela área da Educação, a única que efetivamente ganhou candidatos num ano de retração generalizada. É muito positivo um crescimento desta área, mas porquê este súbito interesse pela docência? Vocação? Sentimento de (re)valorização da profissão? Perspetiva de emprego futuro? Pode ser tudo isto, mas há algo que poderá estar também a entrar na equação: ter as propinas pagas.

Em fevereiro de 2025 o ministério da Educação, Ciência e Inovação passou a assumir o pagamento a fundo perdido de até 2 mil bolsas de estudo anuais (correspondente ao valor da propina) a estudantes que frequentem a licenciatura de Educação Básica e de um máximo de 500 bolsas para estudantes de mestrado. Estas bolsas prolongam-se durante todo o curso de licenciatura e são aplicáveis no primeiro ano no caso dos mestrados. Simultaneamente, procedeu-se a um aumento de 20% das vagas nas licenciaturas em Educação Básica. Estas medidas são claramente positivas, uma racionalização da oferta que procura combater a montante o problema da falta de professores. Permitirá decerto a muitos jovens frequentar o ensino superior, enquanto se estimula a formação de professores. Mas será mesmo uma “opção”? A palavra é aqui conscientemente grafada com aspas para assinalamos o óbvio: só optamos dentro do universo de efetivas possibilidades, e para aqueles que têm poucos recursos, as alternativas continuam a estar num leque muito limitado de escolhas. São meritórias as medidas, é desejável ampliar ainda mais a aposta nos apoios sociais, mas não tenhamos ilusões: para muitos, a “opção” ainda não é uma verdadeira opção.

@

Em fevereiro de 2025 o ministério da Educação, Ciência e Inovação passou a assumir o pagamento a fundo perdido de até 2 mil bolsas de estudo anuais (correspondente ao valor da propina) a estudantes que frequentem a licenciatura de Educação Básica e de um máximo de 500 bolsas para estudantes de mestrado. Estas bolsas prolongam-se durante todo o curso de licenciatura e são aplicáveis no primeiro ano no caso dos mestrados. Simultaneamente, procedeu-se a um aumento de 20% das vagas nas licenciaturas em Educação Básica.

@



PARA LÁ DA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA: O QUE TRANSFORMA, VERDADEIRAMENTE, O ENSINO SUPERIOR?



DIANA SOARES
Diretora do Católica Learning Innovation Lab e Professora auxiliar da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

O ensino superior vive um momento de redefinição. A digitalização do ensino e a omnipresença da inteligência artificial não acrescentam apenas novas ferramentas; suscitam, antes, perguntas essenciais sobre o que significa aprender, o que vale a pena avaliar e qual deve ser a missão do Ensino Superior.

Sabemos, além disso, que a tecnologia pode melhorar o desempenho imediato sem garantir, por si só, uma aprendizagem profunda. Tudo isto nos instiga a repensar o papel do professor: menos como transmissor de conteúdos e mais como alguém que orienta, interpela, problematiza, enquadra e cria condições para uma aprendizagem significativa. É neste contexto que a discussão sobre formação pedagógica precisa ser recentrada. Durante anos, insistimos, e bem, na necessidade de oferecer mais formação. Mas a pergunta decisiva é outra: onde acontece, afinal, o desenvolvimento profissional dos docentes? A nossa convicção é simples: não acontece apenas através da oferta de mais formação. Acontece quando cada professor olha para a sua prática, interroga o que faz e com que efeitos, experimenta, recolhe evidências, discute com os pares e reconstrói, com intencionalidade, as suas decisões pedagógicas. Os relatórios recentes da *European University Association* mostram bem esta tensão. Por um lado, cresce a institucionalização da formação pedagógica: há mais iniciativas formais, centros de apoio ao ensino e à aprendizagem e novos projetos. Por outro, persiste o risco de uma lógica burocrática, em que a participação serve sobretudo para cumprir requisitos ou acumular certificados. Quando tal acontece, perdemos o essencial: a docência como espaço de reflexão, investigação e autoria profissional.

No *Católica Learning Innovation Lab* temos procurado trabalhar exatamente nesse ponto. Mais do que organizar iniciativas avulsas, criamos condições para que o desenvolvimento pedagógico seja contínuo, contextualizado e participado.

Partimos do mapeamento das práticas pedagógicas e dos interesses de formação dos docentes para desenhar percursos de desenvolvimento profissional mais coerentes e alinhados com os seus contextos e necessidades. Damos particular ênfase às comunidades de aprendizagem e prática, enquanto espaço privilegiado onde os docentes experimentam, questionam e aprendem em colaboração. Este trabalho em rede alarga-se, ainda, a um plano interinstitucional, nacional e internacional, no âmbito do Centro para a Excelência e Inovação Pedagógica Inov-Norte e da nossa aliança europeia *Transform4Europe*. A resposta, por isso, não está apenas na formação pedagógica. O que transforma, de forma sustentável, o ensino superior, é a agência do professor, a sua capacidade de decidir, investigar e agir sobre a própria prática, e o trabalho em rede, dentro e fora da instituição, que amplia a aprendizagem, partilha a inovação e enraíza a mudança.

@

No Católica Learning Innovation Lab temos procurado trabalhar exatamente nesse ponto. Mais do que organizar iniciativas avulsas, criamos condições para que o desenvolvimento pedagógico seja contínuo, contextualizado e participado.

@

BIOBANCO AZUL PORTUGUÊS QUER TRANSFORMAR A BIODIVERSIDADE MARINHA EM MOTOR DE CONSERVAÇÃO E INOVAÇÃO

O Biobanco Azul Português está a afirmar-se como uma das mais ambiciosas iniciativas nacionais ligadas à economia do mar. Integrado no Pacto da Bioeconomia Azul, financiado pelo Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), o projeto pretende criar uma rede digital de recursos biológicos marinhos capaz de apoiar a investigação científica, a inovação industrial e a conservação dos ecossistemas oceânicos.



Segundo **VÍTOR VASCONCELOS**, coordenador do projeto e investigador do CIIMAR, o **Biobanco Azul** faz parte de uma agenda mobilizadora mais vasta dedicada à biotecnologia marinha.

“O Pacto da Bioeconomia Azul representa um investimento superior a 130 milhões de euros, enquanto o Biobanco Azul Português conta com um financiamento de cerca de 4,5 milhões de euros”, explica.

Sendo que o seu objetivo principal passa por criar uma infraestrutura nacional que reúna e disponibilize, de forma regulada e sustentável, organismos marinhos provenientes de diferentes coleções científicas. *“Criámos uma rede de dez biobancos existentes em Portugal para facilitar o acesso à biodiversidade marinha por parte de utilizadores científicos e industriais”,* refere o investigador. A plataforma permitirá que investigadores ou empresas encontrem, num único local, recursos tão diversos como microalgas, bactérias, peixes, corais, esponjas ou macroalgas. Para Vítor Vasconcelos, trata-se de uma iniciativa praticamente sem paralelo. *“Existem biobancos marinhos noutros países, mas normalmente pertencem a uma única instituição. O nosso modelo é uma rede nacional que envolve universidades, centros de investigação, laboratórios colaborativos e instituições públicas.”* Além da dimensão nacional, o projeto está ligado a infraestruturas europeias especializadas em recursos biológicos marinhos. A ambição tem como foco reforçar a projeção internacional de Portugal e aumentar a participação em consórcios científicos e industriais. Uma vez que o potencial económico é vasto.

O coordenador destaca, igualmente, que os recursos armazenados poderão servir de base ao desenvolvimento de novos antibióticos, cosméticos, biofertilizantes, materiais sustentáveis, pigmentos para a indústria têxtil ou tintas anti-incrustantes para navios. *“Hoje em dia, praticamente qualquer indústria pode utilizar biorrecursos marinhos em alguma parte da sua cadeia de valor”,* sublinha.

Uma das grandes vantagens do biobanco é evitar a recolha constante de organismos no ambiente natural. *“Ao termos estes recursos já preservados nas coleções, podemos desenvolver aplicações biotecnológicas de forma muito mais sustentável”,* afirma. O sistema permitirá igualmente responder a situações de catástrofes ambientais. Em caso de derrames de petróleo ou outros acidentes, os organismos conservados poderão ser utilizados em ações de restauro ecológico. A proteção dos recursos biológicos é outro dos pilares da iniciativa. O acesso às amostras será regulado através de protocolos específicos que garantem a repartição de benefícios quando surgem aplicações comerciais. *“Se uma empresa desenvolver uma patente a partir de um recurso fornecido pelo biobanco, parte dos benefícios terá de reverter para a entidade portuguesa que disponibilizou esse organismo”,* explica.

Este projeto poderá também beneficiar setores tradicionais, como a pesca ou turismo. Vítor Vasconcelos relembra uma colaboração já existente realizada com os pescadores, aproveitando organismos capturados acidentalmente. *“Muitas espécies sem valor comercial podem ter enorme interesse científico e biotecnológico. Em vez de serem descartadas, podem integrar as coleções e contribuir para novas descobertas.”* Apesar do potencial, a sustentabilidade financeira continua a ser um desafio. O objetivo passa agora por transformar o **Biobanco Azul Português** numa infraestrutura científica nacional reconhecida, garantindo um acesso a financiamento estável. *“Seria uma pena não conseguirmos manter e expandir uma iniciativa única a nível internacional, capaz de tornar Portugal mais atrativo para projetos científicos e industriais”,* considera.

Para o investigador, o futuro da bioeconomia azul depende da capacidade de preservar e valorizar a biodiversidade marinha. *“Os recursos biológicos são o futuro de muitas indústrias. Ao conservá-los em coleções, estamos simultaneamente a protegê-los e a criar oportunidades para a ciência, para economia e a conservação do oceano.”* Conclui.

ATLÂNTIDA II PÕE A COSTA NORTE NO MAPA DO FUTURO OBSERVATÓRIO COSTEIRO DO ATLÂNTICO NORTE DE PORTUGAL

O projeto **Atlântida II** pretende consolidar e expandir a monitorização da costa norte de Portugal, reunindo competências científicas de várias instituições, entre as quais a Universidade do Porto, a Universidade do Minho e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e o Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR).

Sob a coordenação do Professor **VÍTOR VASCONCELOS** e gestão científica da Professora **CATARINA MAGALHÃES**, este projeto incide sobre a faixa costeira até às 12 milhas náuticas e procura produzir conhecimento integrado sobre os ecossistemas marinhos.

Segundo **Vitor Vasconcelos**, o **Atlântida II** distingue-se pela sua abordagem multidisciplinar e pela escala da informação a recolher. *“Somos bastante ambiciosos relativamente à área que vamos cobrir”,* afirma. O trabalho inclui o estudo da batimetria dos fundos, das correntes oceânicas, dos poluentes e da biodiversidade, desde a componente microbiana até aos grandes vertebrados, como os cetáceos. Com um investimento total de 2,78 milhões de euros, o projeto arrancou a 1 de janeiro de 2025 e tem uma duração prevista de três anos. Este projeto dá continuidade ao **Atlântida I**, reforçando a monitorização, harmonização, publicação e visualização dos dados recolhidos, assim como a preservação de amostras biológicas, ampliando o inventário da biodiversidade costeira.

Um dos principais objetivos é a criação do Observatório Costeiro do Atlântico Norte de Portugal, uma plataforma que reunirá dados físicos, químicos, biológicos, bem como modelos de previsão ambiental. **Raul Valente**, gestor técnico do projeto, sublinha que o observatório será desenvolvido *“em cocriação com os potenciais utilizadores destes dados”,* incluindo decisores políticos, associações de pescadores, municípios e outras entidades ligadas à economia azul. A informação deverá ser disponibilizada através de uma plataforma online de acesso livre, contendo mapas de distribuição de espécies, parâmetros ambientais e dados preditivos sobre os impactos das alterações climáticas.

Antes de serem apresentados em formatos destinados ao público, os dados serão publicados em repositórios nacionais e internacionais, permitindo a sua utilização por investigadores portugueses e estrangeiros. Este projeto terá um impacto significativo na região, apoiando decisões mais informadas em áreas como o ordenamento costeiro, as pescas, a conservação de espécies, a aquacultura e a energia eólica *offshore*. *“Vamos ter uma capacidade muito maior para decidir sobre os usos destes ecossistemas de forma informada e sustentável”,* refere Vitor Vasconcelos.

O projeto prevê ainda a realização de **workshops** com **stakeholders**, reuniões com municípios e outras entidades, bem como ações de comunicação e divulgação científica. Além disso, a equipa integra estudantes de mestrado e doutoramento, contribuindo para a formação avançada em áreas ligadas ao mar.

@
O projeto prevê ainda a realização de **workshops** com **stakeholders**, reuniões com municípios e outras entidades, bem como ações de comunicação e divulgação científica.
@

No futuro, a ambição é que o observatório se consolide para além do **Atlântida II** e venha a integrar redes internacionais de monitorização marinha. Para Catarina Magalhães, *“a continuidade da recolha de dados é fundamental para identificar tendências ambientais de longo prazo e distinguir a variabilidade natural dos ecossistemas dos efeitos das alterações climáticas”.* *“As alterações climáticas não têm fronteiras”,* sublinha. Nesse sentido, as metodologias implementadas no âmbito do **ATLÂNTIDA II** estão a ser desenvolvidas para serem compatíveis e com as utilizadas noutros observatórios internacionais, permitindo a integração dos dados em esforços globais de monitorização marinha e avaliação ambiental.



7TH FIB CONGRESS, LISBON 2026, PROJETA O FUTURO DO BETÃO ESTRUTURAL



EDUARDO JÚLIO

Professor Catedrático | CERIS – Civil Engineering Research and Innovation for Sustainability | Departamento de Engenharia Civil

De 15 a 19 de junho de 2026, realizou-se na Culturgest e no Instituto Superior Técnico o 7.º Congresso da fib – *International Federation for Structural Concrete*, a mais importante associação internacional na área do betão estrutural. A federação resultou, em 1998, da fusão do CEB – Comité Euro-Internacional do Betão com a FIP – Federação Internacional do Pré-Esforço. A fib organiza simpósios anuais e, de quatro em quatro anos, os congressos internacionais, dando continuidade à tradição da antiga FIP. Esta foi a primeira vez que um congresso da federação teve lugar em Portugal.

Subordinado ao tema *Structural Concrete 2050: Towards Carbon Neutrality, AI Design, and Robotic Construction*, o evento constituiu um enorme sucesso, reunindo cerca de 1.200 delegados provenientes de 68 países. Foram submetidos mais de 1.100 resumos, dos quais resultaram 840 artigos aceites para apresentação e publicação nas atas do congresso, que totalizam mais de 7.800 páginas. Os trabalhos foram apresentados em 150 sessões paralelas. Entre aquelas, destacaram-se quatro sessões especiais dedicadas aos mais de 40 Grupos Nacionais da fib, às 12 Comissões da federação e a diversas associações internacionais, regionais e nacionais ligadas ao setor. Para além do intenso programa técnico-científico, o congresso proporcionou diversos momentos de convívio e interação entre os participantes. O cocktail de boas-vindas, animado por uma banda de jazz, e o jantar de gala, que reuniu mais de 700 participantes, com música portuguesa e a cerimónia de entrega dos *fib Awards for Outstanding Concrete Structures*, constituíram alguns dos pontos altos do programa social.

@
A exposição técnica contou com a presença de 42 patrocinadores – 3 Platina, 7 Ouro, 18 Prata e 14 Bronze – e registou uma forte interação com os delegados, para a qual contribuiu o Quiz Game preparado pela organização.

A exposição técnica contou com a presença de 42 patrocinadores – 3 Platina, 7 Ouro, 18 Prata e 14 Bronze – e registou uma forte interação com os delegados, para a qual contribuiu o Quiz Game preparado pela organização. A Competição de Estudantes foi igualmente um dos momentos mais marcantes do evento. A iniciativa envolveu 14 equipas de 12 países e os respetivos ensaios decorreram no Instituto Superior Técnico, sendo transmitidos em *streaming* para a Culturgest. A dimensão cultural do congresso foi enriquecida pela exposição *Portuguese Bridges, A Tribute to Edgar Cardoso*, com curadoria do Professor Júlio Appleton.

No último dia, realizaram-se três visitas técnicas alternativas: duas a edifícios em betão e uma à Ponte Vasco da Gama, que incluiu um passeio de barco no rio Tejo. A cerimónia de encerramento respeitou uma das mais emblemáticas tradições da fib. O Professor Eduardo Júlio, Presidente da Comissão Organizadora, fez soar o sino do congresso e entregou-o ao Presidente da Comissão Organizadora da próxima edição, que terá lugar em Kyoto, Japão, em 2030.



HOPE CARE: TECNOLOGIA PORTUGUESA A REDESENHAR O HOSPITAL DO FUTURO



MANUEL BRAGANÇA PEREIRA

Membro do Conselho de Administração CMO | Diretor Médico

Num tempo em que os hospitais enfrentam maior pressão assistencial, envelhecimento da população e aumento das doenças crónicas, a inovação em saúde já não se mede apenas pelo que acontece dentro das paredes hospitalares. Mede-se, cada vez mais, pela capacidade de levar cuidados seguros, contínuos e humanizados até onde as pessoas vivem.

É neste contexto que a **Hope Care**, empresa portuguesa de saúde digital, se tem vindo a afirmar como uma das referências europeias na monitorização remota de doentes e nos novos modelos de acompanhamento clínico fora do hospital. A empresa é a criadora da OpMA® (*Outpatient Monitoring Aggregator*) uma plataforma clínica interoperável que funciona como a espinha dorsal digital dos Centros de Telessaúde e das Unidades de Monitorização Remota. A OpMA® permite acompanhar doentes crónicos, complexos ou em recuperação, mantendo uma ligação contínua entre pacientes e equipas clínicas. Ao agregar dados de programas de monitorização remota, dispositivos médicos, questionários clínicos, indicadores reportados pelos doentes, videochamadas e sistemas externos, oferece aos profissionais de saúde uma visão mais completa e estruturada do estado de saúde dos seus doentes, num único ambiente clínico regulado. Um dos elementos mais distintivos da Hope Care é a sua certificação europeia MDR Class IIb como *Software as a Medical Device*, um nível regulatório particularmente exigente para plataformas digitais de saúde. Esta certificação coloca a empresa num grupo muito restrito de soluções capazes de suportar, com robustez clínica e segurança regulamentar, programas de monitorização multipatologia, incluindo doença pulmonar obstrutiva crónica, insuficiência cardíaca, diabetes e doentes multimórbidos. A tecnologia da Hope Care já é utilizada por instituições de referência como o Centro de Telessaúde da ULS São José (ATENTO) a ULS Santa Maria, a Unidade de Monitorização Remota da ULS Coimbra, a ULS Alto Minho e a ULS Entre Douro e Vouga, entre outras. Em contexto real, os resultados documentados mostram reduções expressivas na utilização evitável dos cuidados de saúde, incluindo menos 55% de reinternamentos, menos 61% de idas às urgências, menos 45% de dias de internamento e menos 55% de consultas de medicina geral e familiar.

Num programa de acompanhamento de doentes com DPOC durante 12 meses, realizado num dos principais hospitais portugueses, a redução do consumo de cuidados hospitalares correspondeu a uma poupança estimada de cerca de 4.883 euros por doente por ano. Para os hospitais, isto significa maior capacidade de resposta. Para os profissionais, menor pressão sobre os serviços. Para os doentes, mais segurança, continuidade e qualidade de vida.

@
Um dos elementos mais distintivos da Hope Care é a sua certificação europeia MDR Class IIb como *Software as a Medical Device*, um nível regulatório particularmente exigente para plataformas digitais de saúde.

Com presença em Portugal, França e Suíça, e com os primeiros projetos a iniciar-se na Alemanha, a Hope Care representa uma nova geração de empresas portuguesas de saúde digital: reguladas, interoperáveis, internacionalizáveis e centradas no valor clínico.

Num ano em que se assinalam os 525 anos do mais antigo hospital português, a história lembra-nos a força das instituições de saúde. A Hope Care mostra-nos como essa missão pode continuar no futuro: com mais ligação, mais prevenção e cuidados mais próximos das pessoas.



GUIMARÃES VESTE BRANCO: UMA NOVA NOITE PARA CELEBRAR A CIDADE



Guimarães Veste Branco. Mais do que recuperar uma tradição de festa no espaço público, o evento assume uma nova fase, com o objetivo de reforçar a ligação à cidade, às pessoas e à comunidade. Em 2026, a celebração promete uma programação diversificada, espalhada por vários pontos do centro urbano, juntando música, cultura, animação e participação.

RICARDO ARAÚJO,

Presidente da Câmara Municipal de Guimarães,

perspetiva a visão para este regresso: uma noite pensada para celebrar a cidade, envolver os vimeanenses e visitantes, valorizar o comércio local e afirmar uma marca própria de identidade e pertença.

Qual será o modelo da Noite Branca nesta nova fase de continuidade em Guimarães?

O evento regressa a Guimarães numa nova fase, com uma identidade renovada e uma designação própria: Guimarães Veste Branco. Mais que retomar uma fórmula anterior, pretende-se assinalar um verdadeiro renascer desta celebração na cidade. O modelo assenta numa grande festa no espaço público, aberta, participada e pensada para diferentes públicos, com programação distribuída por vários pontos do centro urbano. Queremos que seja uma noite de encontro, de celebração e de pertença, em que a cidade se veste de branco e convida todos – vimeanenses, visitantes, comerciantes, instituições e agentes culturais – a fazer parte deste momento coletivo. É um regresso preparado com responsabilidade, procurando conciliar animação, segurança, mobilidade, sustentabilidade, acessibilidade e valorização do comércio local.

Que novidades estão previstas para esta edição de 2026?

A principal novidade é precisamente esta nova etapa do evento, agora sob a designação Guimarães Veste Branco. Esta alteração traduz a vontade de afirmar uma marca mais própria, mais ligada à cidade e à sua comunidade, sem perder a memória afetiva que muitos vimeanenses associam a este tipo de celebração.

A edição de 2026 será marcada por uma programação alargada, com momentos musicais, animação de rua, propostas para diferentes públicos e o envolvimento de várias instituições da cidade. Está também prevista a participação de espaços e equipamentos culturais que se associam à iniciativa, como a Biblioteca Municipal Raul Brandão, o CIAJG, a Loja Oficina e o Arquivo Municipal, entre outros. Esta abertura de portas reforça a ideia de que o evento não se limita à rua, mas envolve a cidade no seu conjunto e valoriza também os seus espaços culturais.

Então o que podemos destacar na programação para 2026?

A programação está a ser pensada para criar uma noite diversa, festiva e abrangente. Entre os nomes confirmados contam-se Plutónio, Miguel Rendeiro, Pedro Tochas e a Festa M80, entre outros, procurando combinar propostas de grande apelo popular com momentos de proximidade, humor, música, animação e participação. O objetivo não é concentrar tudo num único palco ou num único momento, mas criar diferentes ritmos e ambientes ao longo de vários espaços da cidade, permitindo que cada pessoa possa construir a sua própria experiência. Destacamos também o envolvimento de várias instituições culturais locais, que contribuem para dar maior densidade ao programa e para reforçar a ligação entre a festa, a cultura e a vivência da cidade.

Que identidade querem imprimir à Noite Branca para se tornar um evento com marca única?

Desejamos afirmar que Guimarães Veste Branco numa celebração da cidade, da vida, do verão e das pessoas.

Queremos que cada vimeanense sinta que esta noite também é sua. Que os visitantes sintam que entram numa cidade viva, acolhedora e mobilizada. Que o comércio local, as instituições, os artistas, os moradores e o público se reconheçam como parte de uma mesma celebração.

Esta nova designação permite reforçar essa ligação direta a Guimarães. Não se trata apenas de uma noite temática; trata-se de uma cidade que se veste de branco para celebrar a sua energia, a sua comunidade e a sua capacidade de fazer grandes eventos com identidade própria.

Quais são os principais desafios de organizar um evento desta dimensão no centro da cidade?

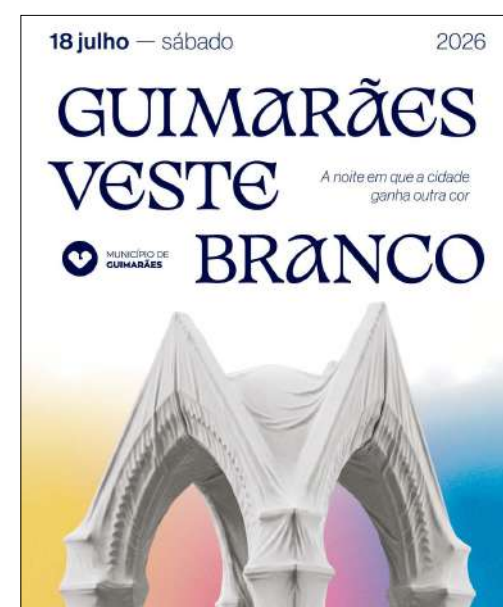
Organizar um evento desta dimensão no centro da cidade é sempre um exercício de equilíbrio. Há uma grande vontade de proporcionar uma noite festiva, vibrante e memorável, mas existe também uma responsabilidade muito clara com a segurança, a mobilidade, a limpeza urbana, a acessibilidade, o ruído e o normal funcionamento da cidade.

Guimarães tem uma experiência consolidada na organização de grandes eventos no espaço público, mas cada iniciativa tem características próprias e exige preparação cuidada.

Neste caso, os principais desafios passam pela gestão dos fluxos de público, pela articulação entre diferentes espaços de programação, pela proteção de zonas patrimoniais e pela necessidade de garantir que todos possam viver esta noite da melhor forma possível.

De que forma a organização pretende equilibrar festa, segurança, mobilidade?

Esse equilíbrio tem sido uma prioridade desde o primeiro momento. A organização tem vindo a reunir regularmente com as forças de segurança, bombeiros, proteção civil e vários departamentos municipais, precisamente para preparar uma resposta integrada e garantir a melhor experiência possível a quem participa e visita a cidade. À semelhança do que acontece noutros grandes eventos promovidos em Guimarães, como a Feira Afonsina ou o recente Festival MIMO, há um trabalho de equipa muito significativo entre serviços municipais e entidades externas. A programação será distribuída por vários pontos, o que ajuda a evitar concentrações excessivas e permite uma gestão mais equilibrada dos fluxos de público.



As medidas específicas de trânsito, estacionamento, circulação e segurança serão comunicadas oportunamente, mas o princípio é claro: queremos uma festa aberta, participada e animada, mas também segura, organizada e responsável.

Como se pretende envolver o comércio local para que a Noite Branca tenha impacto económico real na cidade?

O envolvimento do comércio local, da restauração e da hotelaria é fundamental. Esta noite também é para eles. Um evento desta dimensão traz milhares de pessoas a Guimarães e representa uma oportunidade importante para dinamizar a economia local, aumentar a circulação de público e criar novas experiências. Queremos que os comerciantes e operadores locais se sintam parte ativa de Guimarães Veste Branco, seja através da decoração dos espaços, da adaptação de horários, de propostas especiais, da participação no ambiente festivo ou de outras iniciativas que possam valorizar a experiência da noite. O sucesso do evento não se mede apenas pela programação artística. Mede-se também pela forma como a cidade responde, acolhe e beneficia deste movimento coletivo.

Que marca querem que esta nova Noite Branca deixe em Guimarães nos próximos anos?

Queremos que Guimarães Veste Branco deixe a marca de um regresso feliz, responsável e participado. A ambição é que este evento se afirme, nos próximos anos, como uma grande celebração da cidade; uma noite que junta cultura, comércio, turismo, espaço público, comunidade e identidade vimeanense. Guimarães tem demonstrado capacidade para promover e acolher grandes eventos, mas queremos continuar a fazê-lo com responsabilidade, cuidando das questões de segurança, sustentabilidade, acessibilidade e qualidade da experiência pública.

A marca que queremos deixar é a de uma cidade que sabe celebrar, que sabe receber e que sabe envolver as pessoas. Uma cidade que se veste de branco não apenas para fazer festa, mas para afirmar um sentido de pertença, de comunidade e de confiança no futuro.

AGRIVAL 2026: O PALCO ONDE PENAFIEL PROJETA O FUTURO DA REGIÃO



@
A AGRIVAL é hoje muito mais do que uma feira agrícola. É um dos maiores eventos económicos do Norte de Portugal e uma importante plataforma de negócios para empresas, produtores e empreendedores de toda a região.
@

Mais do que uma feira agrícola, a AGRIVAL afirma-se como um dos maiores eventos económicos do Norte de Portugal.

O presidente do Conselho de Administração da Penafiel Activa, entidade organizadora da AGRIVAL, **JOÃO PAULO OLIVEIRA**, destaca o impacto da edição de 2026 na economia, na promoção do território e na valorização do setor agrícola e dos produtos da região.

Que impacto se espera que a AGRIVAL 2026 tenha no desenvolvimento económico de Penafiel e da região?

A AGRIVAL é hoje muito mais do que uma feira agrícola. É um dos maiores eventos económicos do Norte de Portugal e uma importante plataforma de negócios para empresas, produtores e empreendedores de toda a região.

Durante os dez dias do certame, milhares de visitantes passam por Penafiel, gerando um impacto significativo na hotelaria, restauração, comércio local e serviços. Paralelamente, a presença de centenas de expositores permite a concretização de negócios, a captação de novos clientes e a criação de oportunidades de investimento.

A AGRIVAL assume-se, por isso, como um motor de dinamização económica do concelho, de todo o Vale do Sousa, e da região do Tâmega e Sousa, contribuindo para a promoção da atividade empresarial e para a valorização do território.

Que papel pode ter a AGRIVAL 2026 na fixação de jovens no território e na renovação geracional do setor agrícola?

A AGRIVAL tem vindo a afirmar-se como um espaço privilegiado para aproximar os jovens da agricultura moderna e das oportunidades existentes no setor agroalimentar.

Ao mostrar exemplos de inovação, empreendedorismo e novas tecnologias aplicadas à agricultura, a feira ajuda a desconstruir a ideia de que o setor agrícola está associado a modelos tradicionais e pouco atrativos. Hoje, a agricultura é um setor cada vez mais tecnológico, sustentável e competitivo. Ao mesmo tempo, a AGRIVAL dá visibilidade a projetos de sucesso desenvolvidos na região, mostrando aos mais jovens que é possível criar carreira, gerar rendimento e construir futuro no território onde nasceram.

Como vai a AGRIVAL promover a inovação agrícola e a modernização do setor?

A AGRIVAL continuará a apostar na presença de empresas ligadas à maquinaria agrícola, tecnologia, equipamentos especializados, soluções digitais e inovação aplicada ao setor agroalimentar.

A feira é um espaço de contacto direto entre produtores, empresas, instituições e especialistas, permitindo a divulgação das mais recentes tendências e ferramentas que contribuem para aumentar a produtividade, a sustentabilidade e a competitividade das explorações agrícolas.

Paralelamente, o próprio Pavilhão Agrival está a ser alvo de um processo de modernização, com melhorias ao nível da eficiência energética, conforto, climatização e segurança, reforçando a qualidade da experiência para expositores e visitantes.

De que forma os pequenos produtores agrícolas e agroalimentares da região conseguem beneficiar da escala mediática da AGRIVAL?

A AGRIVAL oferece aos pequenos produtores uma montra que dificilmente conseguiriam alcançar individualmente.

Ao integrar um evento que atrai dezenas de milhares de visitantes e uma forte cobertura mediática regional e nacional, os produtores têm a oportunidade de apresentar

os seus produtos, estabelecer contactos comerciais, fidelizar clientes e aumentar a notoriedade das suas marcas.

Muitos produtores aproveitam a feira para lançar novos produtos, criar parcerias e chegar a mercados que, de outra forma, seriam mais difíceis de alcançar.

Qual o papel da feira na promoção dos produtos endógenos e na identidade regional?

A promoção dos produtos endógenos está na génese da própria AGRIVAL.

Ao longo das suas mais de quatro décadas de história, a feira tem sido uma plataforma de valorização dos sabores, tradições e saberes da nossa região. Produtos como o Melão Casca de Carvalho, a broa de milho, o pão-de-ló, a cebola, os vinhos verdes, a doçaria tradicional e muitos outros encontram na AGRIVAL um espaço privilegiado de divulgação.

Ao mesmo tempo, a feira ajuda a preservar a identidade cultural desta região, promovendo as tradições locais, o artesanato, os grupos culturais e as manifestações populares que fazem parte da nossa história coletiva.

A AGRIVAL 2026 pode funcionar como montra estratégica para afirmar Penafiel e o Vale do Sousa como destino turístico?

Sem dúvida. A AGRIVAL é um dos maiores momentos de projeção externa de Penafiel.

Durante dez dias, recebemos visitantes provenientes de todo o país e também da comunidade emigrante, assim como da vizinha Espanha, que aproveitam a deslocação para conhecer o património, a gastronomia, os equipamentos culturais e a oferta turística do concelho e da região.

A feira funciona como uma porta de entrada para o território, contribuindo para reforçar a notoriedade de Penafiel e da região do Tâmega e Sousa enquanto destino de visita, de investimento e de qualidade de vida.

E de que forma a AGRIVAL pode atrair investimento, turismo e novas parcerias para o Vale do Sousa?

A dimensão alcançada pela AGRIVAL transforma-a num espaço privilegiado de *net-working* e de criação de oportunidades.

A presença de empresas, associações, entidades públicas e investidores cria condições para o estabelecimento de novas parcerias e para a identificação de oportunidades de negócio em diferentes setores de atividade.

Ao mesmo tempo, a forte capacidade de atração de visitantes contribui para promover o território junto de potenciais investidores e turistas, mostrando o dinamismo económico, a qualidade das infraestruturas e o potencial de crescimento da região.

Que novidades estão previstas para esta edição de 2026?

A edição de 2026 ficará marcada pela consolidação do crescimento da AGRIVAL e pela melhoria contínua da experiência proporcionada aos visitantes e expositores.

Desde logo, destaca-se a modernização em curso do Pavilhão Agrival, que permitirá oferecer melhores condições de conforto, segurança e eficiência energética.

Ao nível da programação, a AGRIVAL volta a apresentar um cartaz musical diversificado e de grande qualidade, capaz de atrair públicos de diferentes gerações e gostos musicais. Estão confirmados nomes como Pedro Abrunhosa, Sara Correia, Expensive Soul, Buba Espinho, MC Kevinho, NENA, UHF, Os Vizinhos e Mizzy Miles.

A aposta mantém-se igualmente na valorização da componente agrícola, empresarial, gastronómica e cultural, reforçando aquilo que distingue a AGRIVAL há mais de 40 anos: ser um espaço onde tradição e inovação se encontram, promovendo o melhor de Penafiel e de toda a região do Vale do Sousa.



ESTAMOS A CONSTRUIR UMA TROFA MAIS PREPARADA PARA O FUTURO



Oito meses depois de assumir a presidência da Câmara Municipal da Trofa, SÉRGIO ARAÚJO faz um balanço do trabalho desenvolvido e traça as prioridades para o mandato. Entre obras em curso, projetos estruturantes, investimento na saúde, educação e cultura, o autarca defende uma estratégia assente na proximidade, no desenvolvimento sustentável e na criação de melhores condições de vida para os trofenses.

Que balanço faz destes primeiros oito meses de mandato?

Faço um balanço muito positivo, mas também muito consciente da responsabilidade que temos pela frente. Oito meses passam depressa quando estamos a governar um concelho. Não chegamos para resolver todos os problemas nem foi isso que prometi aos trofenses. O que prometi foi trabalho, proximidade e dedicação, e é isso que tenho procurado cumprir todos os dias. Nestes meses conseguimos lançar projetos importantes, acelerar investimentos, reorganizar serviços, estabilizar a governação e criar condições para que a Câmara responda melhor às necessidades das pessoas. Há obras a decorrer, novos projetos preparados e decisões que vão marcar o futuro do concelho. Mas não me dou por satisfeito. Sei que ainda há muito por fazer. Governar é um trabalho diário e exige capacidade para ouvir, corrigir quando é necessário e continuar sempre em frente.

Neste momento há várias obras a decorrer em simultâneo no concelho. Que balanço faz desta frente de investimento?

Estamos a viver um período de grande intensidade. Há obras em praticamente todas as áreas e isso significa inevitavelmente algum incómodo para quem vive e trabalha na Trofa. Compreendo essas dificuldades, mas também sei que todos queremos um concelho com melhores condições.

Na saúde, estão em curso as requalificações dos centros de saúde de Alvarelos, S. Romão do Coronado e S. Martinho de Bougado. Em S. Martinho de Bougado, além da renovação do edifício, estamos a ampliar as instalações e a melhorar as acessibilidades. Durante este período tivemos de encontrar soluções provisórias para garantir que ninguém fica sem cuidados de saúde. Mas o nosso objetivo não passa apenas pelas obras. Queremos melhorar os serviços prestados. Conseguimos assegurar duas cadeiras de medicina dentária para o concelho, uma em S. Martinho de Bougado e outra em S. Romão do Coronado, bem como um equipamento de raio-X, uma resposta há muito esperada pela população. Estamos igualmente a trabalhar para alargar a oferta de consultas, nomeadamente ao fim de semana e nos feriados.

Na educação, decorrem duas intervenções muito importantes, na Escola Básica e Secundária do Coronado e Castro e na Escola EB 2/3 do Castro, em Alvarelos. Ao mesmo tempo, continuamos atentos às necessidades das restantes escolas, porque sabemos que investir na educação é investir no futuro das próximas gerações. Também ao nível da rede viária existem várias intervenções em curso. Nenhuma obra é confortável enquanto decorre, mas o nosso compromisso tem sido reduzir ao máximo os constrangimentos e garantir que as intervenções são executadas com rapidez e qualidade. Paralelamente, estamos a preparar um modelo de manutenção mais eficaz, que permita responder mais depressa às necessidades de reparação das estradas municipais.

O que procuro transmitir aos trofenses é que estas obras não são um fim em si mesmo. Representam investimento, melhores serviços e melhores condições de vida. Ainda há muito caminho para percorrer, mas acredito que estamos a construir uma Trofa mais preparada para o futuro.

@

E há uma medida que considero particularmente importante. Vamos duplicar, já em 2027, o número de bolsas de estudo municipais, passando de seis para doze.

@

Quais são os grandes projetos que gostaria de concretizar até ao final deste mandato?

Há projetos que vão muito para além de uma obra. São projetos que ajudam a definir a forma como imaginamos a Trofa nos próximos anos.

Um deles é o Parque Urbano de Real. Queremos criar um grande espaço de lazer, com percursos pedonais e cicláveis, zonas para atividade física, áreas de convívio e contacto com a natureza. Um espaço pensado para todas as gerações, onde as famílias possam passar tempo de qualidade e que valorize uma zona importante da cidade. Estamos a desenvolver o projeto com rigor. Já foi realizado um trabalho técnico muito significativo e continuamos a resolver algumas questões, nomeadamente relacionadas com terrenos. Gostava que tudo acontecesse mais depressa, mas aprendi que, na gestão pública, a pressa nunca pode comprometer a qualidade. O importante é criar um projeto sólido e preparado para avançar.

Outro projeto que continua a fazer parte das nossas prioridades é o Centro Cultural da Trofa. É um equipamento que o concelho merece e que terá um impacto muito positivo na vida cultural e associativa. Sabemos que é um investimento de grande dimensão e, por isso, só poderá avançar com cofinanciamento externo. O nosso trabalho passa por deixar o projeto preparado para que a Trofa esteja em condições de aproveitar a primeira oportunidade de financiamento que surgir. O mesmo está a acontecer com os futuros complexos desportivos de Bougado e de Guidões. Queremos deixar os projetos prontos para que o concelho não perca oportunidades de investimento.

Mas preparar o futuro também significa criar condições para quem quer investir na Trofa. Temos sentido uma procura crescente por parte de empresas e investidores e isso demonstra que o concelho está a ganhar atratividade. A nossa responsabilidade é responder com serviços mais rápidos, mais eficientes e criar condições para que esse investimento se traduza em emprego, desenvolvimento económico e mais qualidade de vida.

Ao mesmo tempo, não podemos ignorar um dos maiores desafios que as famílias enfrentam: o acesso à habitação. A Câmara não tem capacidade para resolver sozinha um problema que é nacional, mas pode contribuir para a solução. Estamos a trabalhar para criar condições que permitam aumentar a oferta de habitação a custos acessíveis, sobretudo para os mais jovens.

Ao longo destes oito meses foram também anunciadas várias novidades nas áreas da juventude, cultura, educação. É uma aposta para marcar este mandato?

É uma aposta muito clara. Sempre disse que governar não é apenas fazer estradas ou construir edifícios. É também criar qualidade de vida, apoiar as famílias, dar oportunidades aos jovens e reforçar o sentimento de pertença à nossa terra.

Foi com esse espírito que decidimos introduzir várias novidades. O Belive Festival vai ter um novo formato, com um espaço diferente, mais atividades e uma maior ligação aos jovens. Queremos que deixem de ser apenas espectadores e passem a participar na construção do festival, ajudando a escolher parte do cartaz e dando oportunidade às bandas locais de subirem ao palco através de candidaturas abertas. Faz todo o sentido que um festival da juventude seja construído com os próprios jovens.

Também a Expotrofa será profundamente renovada. Queremos um certame mais moderno, mais funcional e mais apelativo para quem expõe e para quem visita. Há mais espaço, uma nova organização do recinto, com realocação do palco, das zonas de restauração e dos bares, criando melhores condições para as empresas, para as associações, para os artesãos e para todos os que fazem deste evento uma referência do concelho.

Na área da cultura, voltamos a disponibilizar uma agenda cultural em papel. Vivemos numa era digital, mas sabemos que muitas pessoas continuam a valorizar este formato e queremos que a informação chegue a todos, independentemente da idade. Outra novidade são as férias desportivas, com cinco semanas de duração. É uma resposta importante para muitas famílias durante a interrupção letiva, mas também uma oportunidade para que as crianças ocupem esse tempo de forma saudável, ativa e acompanhada.

Na juventude, estamos a reforçar o Orçamento Participativo Jovem, aumentando a verba disponível. Queremos incentivar os jovens a apresentar ideias e a participar cada vez mais na vida do concelho.

E há uma medida que considero particularmente importante. Vamos duplicar, já em 2027, o número de bolsas de estudo municipais, passando de seis para doze. Sabemos o esforço que muitas famílias fazem para garantir a formação dos seus filhos e acreditamos que a Câmara deve estar ao lado de quem quer estudar e construir o seu futuro.



PAREDES: UMA ESTRATÉGIA DE CRESCIMENTO COM VISÃO DE FUTURO



ALEXANDRE ALMEIDA

presidente da Câmara Municipal de Paredes.

traça o retrato de um concelho em transformação, onde o investimento público tem sido o motor do desenvolvimento. Nesta entrevista, também destaca a estratégia seguida desde 2017, assente no equilíbrio financeiro, na captação de fundos comunitários e na valorização do território.

O autarca começa por destacar o futuro Museu do Mobiliário, instalado na freguesia de Vilela, como um símbolo da identidade económica do concelho. Explica que, quando surgiu a oportunidade de requalificar o antigo edifício através de financiamento comunitário, a escolha do seu conteúdo foi praticamente imediata. A indústria do mobiliário representa, lembra, a principal riqueza de Paredes e aquele espaço histórico, localizado precisamente numa das freguesias onde nasceram as primeiras fábricas do setor, reunia todas as condições para acolher um equipamento dedicado à memória e à evolução desta atividade.

Segundo Alexandre Almeida, o museu pretende ir muito além da vertente cultural. a aposta passa por criar um verdadeiro polo de turismo industrial, permitindo que as visitas se prolonguem pelas empresas do setor e pelos artesãos que ainda preservam as técnicas tradicionais de trabalho da madeira. *“Nada melhor do que partir de uma visita ao Museu do Mobiliário e depois fazer essas visitas às empresas”*, afirma, acrescentando que as escolas poderão desempenhar um papel determinante neste projeto educativo.

Ao abordar a evolução do concelho, refere que os resultados obtidos assentam numa gestão rigorosa dos recursos disponíveis, recorda ainda que desde do início do mandato era imprescindível *“gerir necessidades ilimitadas com recursos limitados”*, essa estratégia permitiu concretizar investimentos em equipamentos desportivos, parques urbanos, passeios, requalificações escolares, habitação e infraestruturas municipais sem comprometer a redução da dívida. *“Apesar de termos feito financiamentos ano após ano, o que é certo é que a dívida tem vindo sempre a descer”*, sublinha.

Entre todas as decisões tomadas ao longo dos últimos anos, Alexandre Almeida destaca uma como particularmente marcante: a recuperação da gestão da água e do saneamento para o município. Considera que essa foi uma das medidas mais difíceis, mas também aquela de que mais se orgulha.

“Esta é das decisões que mais me orgulho de ter feito”, afirma, recordando que existiam freguesias inteiras sem acesso à rede pública de água e saneamento. Segundo explica, enquanto os serviços permaneceram concessionados, a autarquia encontrava-se impedida de realizar os investimentos necessários. A recuperação da concessão permitiu desbloquear fundos comunitários e iniciar obras que estavam adiadas há largos anos.

O presidente reconhece que muitas dessas intervenções são praticamente invisíveis para quem passa nas ruas, mas têm um enorme impacto na qualidade de vida das populações. Também a política de habitação constitui outro dos pilares apontados para os próximos anos. Por isso, considera que criar condições para fixar população passa inevitavelmente por garantir infraestruturas básicas, mas também por resolver problemas urbanísticos antigos e aumentar a oferta de habitação acessível. Neste sentido, recorda a intervenção realizada junto da Câmara Municipal, onde foi possível substituir um bairro precário por habitação social digna através do Plano de Recuperação e Resiliência. Ao mesmo tempo, destaca o investimento realizado na expansão das zonas industriais, considerando que não existe fixação de habitantes sem criação de emprego.

Na sua leitura, o município deve assumir sobretudo um papel facilitador, criando condições para que empresas e famílias escolham Paredes como local para viver e investir. isso explica o crescimento demográfico registado pelo concelho nos últimos anos.



A cultura também surge como um eixo estratégico dessa transformação. Alexandre Almeida recorda que o atual Centro Cultural de Paredes chegou a estar destinado à instalação de um hipermercado, mas a mudança de rumo permitiu criar um equipamento que hoje atrai público muito para além das fronteiras do concelho.

“Aquele espaço era perfeito para um equipamento daqueles”, explica que foi necessário adquirir o edifício da antiga adegas cooperativa, negociar o financiamento comunitário e apostar numa programação diversificada, capaz de receber teatro, ópera, dança, concertos e iniciativas educativas dirigidas às escolas. Atualmente existe uma crescente notoriedade cultural de Paredes. Além disso, o presidente considera que o reconhecimento de Paredes como Capital Euro-Atlântica do Desporto 2027 não surgiu por acaso, mas como consequência de um trabalho desenvolvido ao longo de vários anos. Na sua perspetiva, o título representa *“o corolário de toda uma aposta que temos vindo a fazer no desporto”*.

Mais do que alcançar uma distinção internacional, o objetivo passou por utilizar o desporto como ferramenta de promoção territorial e de captação de visitantes. O autarca acredita que a visibilidade conquistada através da organização de campeonatos nacionais e internacionais consolidou a imagem de Paredes como um concelho preparado para receber grandes eventos e capaz de oferecer infraestruturas de qualidade. Em 2027, assegura, haverá uma programação reforçada, embora a filosofia permaneça a mesma.

O museu pretende ir muito além da vertente cultural. a aposta passa por criar um verdadeiro polo de turismo industrial, permitindo que as visitas se prolonguem pelas empresas do setor e pelos artesãos.

A Proteção Civil continua a ser outra das prioridades do executivo. Alexandre Almeida destaca o investimento realizado nas cinco corporações de bombeiros do concelho, através do reforço dos apoios e da requalificação dos quartéis, sublinhando que *“as verbas destinadas à Proteção Civil são intocáveis”*.

A Proteção Civil continua a ser outra das prioridades do executivo. Alexandre Almeida destaca o investimento realizado nas cinco corporações de bombeiros do concelho.

A cooperação com as Instituições Particulares de Solidariedade Social constitui igualmente uma das marcas do mandato. O autarca explica que o Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) abriu uma oportunidade única para aumentar a capacidade de resposta social do concelho, mas reconhece que muitas instituições não possuíam recursos suficientes para suportar a parte do investimento não comparticipada. Por isso, foi neste contexto que o município assumiu o papel decisivo de apoiar os projetos, a preparação de candidaturas, e, posteriormente, o pagamento faseado da componente financeira que ficou a cargo das instituições. *“Não podemos perder a oportunidade do PRR para dotar o concelho de mais estes equipamentos”*, sublinha. O resultado, acrescenta, traduz-se na criação de novos lares de idosos, centros de dia, serviços de apoio domiciliário, residências colaborativas e creches distribuídos por diversas freguesias. Na sua leitura, trata-se de investimentos que terão impacto durante décadas, respondendo às necessidades de uma população envelhecida. Ao olhar para trás, Alexandre Almeida reconhece que o início do percurso foi particularmente exigente. Quando assumiu funções, a autarquia encontrava-se limitada pelo Programa de Apoio à Economia Local e impedida de beneficiar plenamente dos fundos comunitários disponíveis. A primeira prioridade passou, por isso, pela reorganização financeira do município e pela substituição desse mecanismo por financiamento bancário em condições mais vantajosas. Só posteriormente, foi possível concretizar o plano estratégico que tinha sido desenhado para o concelho.

Quase uma década depois, considera que o balanço demonstra que a percurso seguido permitiu transformar Paredes de forma consistente, mantendo simultaneamente a sustentabilidade das contas públicas.

“Atualmente, estou a terminar o nono ano à frente do município e as obras e as iniciativas são tantas, que se perde a noção do tempo,” conclui.



Mosteiro de Vilela.



Museu do Mobiliário.



Multusos Paredes.



Piscina Verde.



PORTALEGRE
POLYTECHNIC
UNIVERSITY

POLITÉCNICO
DE PORTALEGRE

CTeSP

LICENCIATURAS

PÓS-GRADUAÇÕES

MESTRADOS

DOUTORAMENTOS

Artes, Design e Animação
Ciências Agrárias e Veterinárias
Ciências da Linguagem e da Comunicação
Ciências e Tecnologias da Saúde
Ciências Económicas, Empresariais,
Marketing e Publicidade
Ciências Sociais, Turismo e Território
Desporto e Atividade Física
Educação e Formação
Tecnologias e Engenharias

Oferta formativa



- **Do Pré-Escolar ao 12º ano**
- **Ensino Integrado da Música**
(a partir do 5º ano)
- **Academia de Música**
- **Desporto Federado**
- **Transportes Próprios**
- **Oferta de computador tátil
com caneta de escrita**
(alunos até ao 9º ano)

**INSCRIÇÕES
ABERTAS**

**UMA ESCOLHA
DE FAMÍLIA**

**ABERTURA
DE NOVAS
TURMAS**

WWW.ALFACOOPT.PT

COLÉGIO PIONEIRO NA
EDUCAÇÃO 5.0

Mariana Machado

Atleta Olímpica
Estudante de Medicina
Antiga Aluna Colégio Alfacoop

Bárbara Machado

Estudante de Enfermagem
Antiga Aluna Colégio Alfacoop